

A SEGURANÇA DA VINCULAÇÃO COM OS CUIDADORES E A
AUTOESTIMA EM PRÉ-ADOLESCENTES

BEATRIZ BEIRA DE JESUS

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA OLÍVIA RIBEIRO

Professora de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARYSE GUEDES

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento.

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Olívia Ribeiro, apresentada no Ispa – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre em Psicologia na especialidade de Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento.

Agradecimentos

Passados 5 anos de muito esforço e dedicação, chego finalmente à última etapa do meu percurso. Neste momento tão importante não podia deixar de agradecer a todos os que me ajudaram a chegar até aqui e a quem me proporcionou tudo o que tenho e consegui até aqui.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha orientadora, professora Doutora Olívia Ribeiro e à minha professora de seminário de dissertação, professora Doutora Maryse Guedes, por todo o apoio e ajudas prestadas ao longo deste ano principalmente.

Quero também deixar o meu agradecimento a todas as instituições e pessoas que fizeram parte deste projeto, tornando assim possível a concretização do mesmo e a minha chegada até aqui.

Aos amigos que são família do meu *happy place*, que mesmo longe sempre se fizeram sentir bem presentes ao longo de todos os anos da minha vida. A todos eles, um enorme obrigada por sempre serem o meu refúgio da realidade, o meu porto de abrigo.

Aos "sereios", muito obrigada por serem a minha alegria nos momentos de tristeza, a minha paz nos momentos de caos, e o meu caos bonito nos dias de sossego. Com vocês ao meu lado estes 5 anos foram muito mais fáceis de conseguir, e fazer um mestrado não pareceu assim tão difícil. Não posso também deixar de agradecer às melhores amigas que o ISPA me trouxe, Catarina, Rayssa, Miriam, Mariana, Inês. A todas vocês, um enorme obrigada por todo o apoio, horas de estudo, diversão e choro partilhados. Vocês estiveram sempre comigo, mesmo quando eu não sabia que precisava. Nunca me deixaram sentir sozinha ao longo de 5 anos, e por isso mesmo, obrigada.

À minha madrinha Zafira, que foi a melhor pessoa e amiga que a praxe me deu, e à minha afilhada Marta, a minha enorme sorte e maior surpresa, um enorme obrigada por todo o apoio que me deram ao longo destes anos no ISPA. Foram a preocupação, o cuidado, o afeto, e a casa que eu precisei em todos estes anos.

Não posso deixar de agradecer também às melhores amigas da minha vida que mesmo não estando sempre presentes fisicamente, sempre estiveram lá para mim. Comigo celebraram as minhas maiores conquistas e sentiram as minhas maiores tristezas. Vocês deram-me forças para conseguir chegar até aqui, obrigada.

Por fim, o agradecimento mais especial de todos, vai para a minha mãe, pai e irmã. Vocês que sempre me proporcionaram tudo até aqui, sempre me apoiaram em cada conquista, viram-me chorar e desesperar em cada momento menos bom, nunca me deixaram desistir, mesmo quando isso me parecia a única opção. Muito obrigada por todo o apoio e toda a força que me deram até aqui.

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar se a vinculação à mãe e ao pai está associada à autoestima dos pré-adolescentes entre os 10 e os 12 anos, levando à formulação da hipótese de que existe uma associação positiva entre a segurança da vinculação à mãe e ao pai e a autoestima global das crianças. Os dados foram recolhidos numa amostra de 205 crianças ($M = 11.18$, $DP = .77$), através de 2 questionários de autopreenchimento: a Escala de Segurança de *Kerns* revista (KSS) e a Escala de Autoconceito e de Autoestima para crianças (SPP-FC). Através de uma correlação de *Pearson* foi possível perceber que havia uma associação positiva entre a segurança da vinculação à mãe e ao pai e a autoestima das crianças, excetuando entre a segurança da vinculação à mãe e a Competência Atlética das crianças. Através de uma regressão linear múltipla foi ainda possível verificar que uma maior segurança na vinculação prediz uma maior autoestima. Desta forma confirmou-se a hipótese inicial de que a segurança à mãe e ao pai está positivamente associada à autoestima das crianças, isto é, neste estudo verificou-se que uma maior segurança no Porto de Abrigo dos pais, prediz uma maior autoestima nos pré-adolescentes. Desta forma, este estudo oferece *insights* para o desenvolvimento de intervenções direcionadas à prevenção de uma baixa autoestima numa fase crucial da adolescência e até mesmo intervenções e programas de apoio parental de forma a identificar momentos críticos das relações, uma vez que estas estão associadas à autoestima dos jovens.

Palavras-chave: vinculação, base segura, porto de abrigo, autoestima, pré-adolescência

Abstract

The aim of this study was to investigate whether attachment to mother and father is associated with the self-esteem of preadolescents aged 10 to 12 years old, leading to the hypothesis that there is a positive association between attachment security to mother and father and children's global self-esteem. Data were collected from a sample of 205 children ($M = 11.18$, $SD = 0.77$) using two self-report questionnaires: the revised Kerns Security Scale (KSS) and the Self-Perception Profile for Children (SPP-FC). Pearson's proof revealed a positive association between attachment security to mother and father and children's self-esteem, except for the association between attachment security to mother and children's Athletic Competence. Multiple linear regression also demonstrated that greater attachment security predicts higher self-esteem. This confirmed the initial hypothesis that security with mothers and fathers is associated with children's self-esteem. This study found that greater security in the Safe Haven for parents predicts higher self-esteem in pre-adolescents. Thus, this study offers insights into developing interventions aimed at preventing low self-esteem during a crucial phase of adolescence, as well as interventions and parental support programs to identify critical moments in relationships, as these are associated with young people's self-esteem.

Keywords: *attachment, security base, safe haven, self-esteem, pre-adolescence*

Índice

I. Introdução	8
II. Enquadramento Teórico	10
1. Vinculação na infância.....	10
2. Vinculação na transição para a adolescência	12
3. Semelhanças e diferenças nas relações de vinculação com o pai e com a mãe na infância e na adolescência.....	15
4. Autoestima na adolescência.....	17
5. Vinculação e autoestima na infância e na adolescência.....	19
6. Objetivos e hipóteses	21
III. Método	24
1. Participantes	24
2. Procedimentos	25
3. Instrumentos	27
4. Análise de Dados.....	31
IV. Resultados.....	32
V. Discussão	40
1. Limitações	43
2. Implicações.....	44
Referências	46
ANEXOS.....	52
ANEXO A. <i>Consentimento informado para os pais</i>	54
ANEXO B. <i>Email de contacto com as escolas, centros de estudo e clubes desportivos</i>	55

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Frequência de alunos por ano de escolaridade</i>	25
Tabela 2. <i>Médias e desvios-padrão da segurança da vinculação percebida por idades e sexo</i>	33
Tabela 3. <i>Médias e desvios-padrão da autoestima por idades e sexo</i>	34
Tabela 4. <i>Médias e desvios-padrão da segurança da vinculação percebida por grupos de mães e pais mais novos e mais velhos</i>	35
Tabela 5. <i>Médias e desvios-padrão da autoestima por grupos de mães e pais mais novos e mais velhos</i>	36
Tabela 6. <i>Médias e desvios-padrão da segurança da vinculação consoante a naturalidade dos jovens</i>	37
Tabela 7. <i>Médias e desvios-padrão da autoestima consoante a naturalidade dos jovens</i>	37
Tabela 8. <i>Médias e desvios-padrão da segurança da vinculação consoante o estado civil dos pais</i>	38
Tabela 9. <i>Correlação entre a segurança na vinculação aos pais e a autoestima das crianças</i>	39

I. Introdução

Este estudo foi realizado com o objetivo de perceber como é que a representação da segurança da vinculação, com ambos os cuidadores, pode estar associada à autoestima dos pré-adolescentes, ou seja, se a relação que têm com os cuidadores afeta de alguma forma a maneira como os jovens se sentem consigo mesmos.

As relações de vinculação entre pais e filhos são importantes tanto na infância como na adolescência, pelo que é importante que a parentalidade funcione através da aceitação e da independência, incentivando sempre a autoestima dos jovens (McCormick & Kennedy, 1994).

A qualidade das relações de vinculação molda não só a autoestima bem como a formação dos modelos representacionais que fazemos do *self* e das outras pessoas ao nosso redor. O efeito desta segurança da vinculação nos sentimentos e pensamentos das crianças é bastante importante pois é uma das explicações para a influência da qualidade da vinculação em múltiplos domínios do desenvolvimento da criança, como as relações sociais, adaptação comportamental e ajustamento escolar (Verschueren, 2020).

Entre os 8 e os 11 anos, os jovens demonstram que os atributos interpessoais e as habilidades sociais que influenciam as interações com os outros são bastante fundamentais nesta fase de vida (Harter, 2006).

Por estes motivos, a vinculação e a associação desta com a autoestima e o bem-estar das crianças e dos adolescentes tem sido bastante estudada ao longo dos anos. No entanto, existem algumas lacunas que são importantes ultrapassar.

Apesar de ser um tema bastante estudado, existem poucos estudos sobre a associação da vinculação com os cuidadores e a autoestima na fase da pré-adolescência, sendo mais abordada a fase da infância e da adolescência (i.e., Grotevant & Cooper, 1986; Harris & Orth, 2020; Keizer et al., 2019; Kim & Cicchetti, 2004). Nesta fase o *self* começa a tornar-se mais complexo e cada vez mais diferenciado, de uma forma multidimensional. Começa a formar-se e a transformar-se o carácter e a personalidade, havendo um aumento e uma reorganização na compreensão de si mesmos e dos outros (Harter, 2006). Por estes mesmos motivos torna-se importante e necessário estudar esta associação nesta fase de transição, para que no futuro se possam realizar intervenções numa fase mais precoce e

mais adequadas às diferentes fases de desenvolvimento (Harter, 2006; Keizer et al., 2019; Thompson, 2006).

Outra lacuna existente na literatura, e que é pretendida colmatar com a realização deste estudo, é o facto de serem realizados estudos em que, para a mesma criança é avaliada a segurança da vinculação com o pai ou com a mãe em particular. De forma a colmatar esta lacuna, neste estudo vamos analisar a segurança da vinculação com ambos os cuidadores para a mesma criança, ainda que em questionários separados, mas vamos ter para a mesma criança, dados referentes ao pai e à mãe, sendo desta forma um contributo deste estudo para o futuro.

Para além disto, a maioria das investigações são realizadas fora de Portugal, com populações não portuguesas, pelo que, sendo este estudo realizado com jovens em Portugal, permite-nos obter mais dados desta associação e posteriores resultados, de forma a ser possível realizar intervenções mais adequadas à nossa população, uma vez que as culturas e as pessoas são diferentes e, portanto, as intervenções têm de ser também diferentes.

Por estas razões acima apresentadas há a necessidade de perceber se existe ou não esta associação, e se a relação com um dos cuidadores em específico afeta mais ou menos a sua autoestima. Por este motivo foi realizado este estudo, para analisar a associação entre as representações de vinculação com os cuidadores e a autoestima em pré-adolescentes dos 10 aos 12 anos.

Posto isto, colocam-se as hipóteses de que pré-adolescentes com representações de vinculação menos segura terão uma menor autoestima, por terem representações negativas de afeto e acharem que não são dignos de amor e preocupação por parte de outros (Bartholomew & Horowitz, 1991), e pré-adolescentes com representações de vinculação segura, irão ter uma maior autoestima.

II. Enquadramento Teórico

1. Vinculação na infância

Segundo Bowlby (1969/1982), o comportamento de vinculação é considerado um comportamento social importante, que tem uma função biológica específica. Este ocorre quando são ativados determinados tipos de comportamentos que são desenvolvidos pelo bebé quando nasce como resultado da sua interação com o meio que o rodeia, tendo como objetivo a proximidade à mãe.

Especificamente, os bebés nascem dotados de um repertório de comportamentos, característicos do ser humano, que permitem promover uma proximidade a um cuidador (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988). Esses comportamentos de sinalização podem ser chamar alguém, agarrar-se, sugar o dedo, chorar, seguir a pessoa e protestar quando se separa da figura cuidadora, de forma a ativar o sistema de vinculação e o comportamento de cuidado do/s cuidador/es, atraindo-o/os para perto, sendo que todos estes comportamentos são importantes e contribuem para a vinculação (Bowlby, 1969/1982). No início de vida das crianças, estes comportamentos são simplesmente emitidos, sem serem propriamente dirigidos a alguém. No entanto, de forma gradual, começa a haver uma discriminação de pessoas e a criança começa a direcionar os comportamentos de vinculação para uma figura específica, provavelmente o cuidador principal ou outro cuidador secundário do quotidiano da criança (Ainsworth, 1989). Apesar destes comportamentos variarem de criança para criança, a partir do segundo ano de vida, na maioria, o sistema comportamental é rapidamente ativado quando há uma separação do cuidador principal ou quando acontece algo que é assustador para a criança. Quando a criança se sente assustada ou precisa de conforto, os estímulos que mais rapidamente a acalmam são o som, a visão ou o toque da mãe (Bowlby, 1969/1982). Ou seja, quando esta figura proporciona proteção e conforto, a proximidade ou o contacto da criança com ela ajuda a minimizar a ativação do sistema comportamental de vinculação (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1969/1982; Grossmann & Grossmann, 2020). No entanto, para que estes comportamentos possam funcionar como forma de vínculo, é necessário que os cuidadores estejam atentos às necessidades e ações da criança, para que se possam aproximar e satisfazer as necessidades da mesma (Grossmann & Grossmann, 2020).

Assim, uma relação de vinculação remete para um vínculo emocional duradouro, forte e profundo (Ainsworth, 1989; Paterson et al., 1995) que uma criança forma com uma figura de vinculação específica, utilizando-a como uma base segura e um porto de abrigo. Quando o cuidador está disponível e atento para responder consistentemente de forma sensível e responsiva às necessidades e ações da criança, para a encorajar e intervir de forma ativa apenas quando necessário, a criança pode recorrer a ele como base segura para explorar o mundo à sua volta (Kobak & Sceery, 1988) com confiança, nomeadamente quando se deparam com situações ou pessoas estranhas (Bowlby, 1969/1982). Simultaneamente, a criação de um vínculo caloroso, disponível, afetuoso, fiável e responsivo permite à criança saber que pode voltar para os cuidadores utilizando-os como um refúgio e uma fonte de conforto, para a ajudarem a acalmar-se perante uma situação ameaçadora ou desconhecida, de forma que esta consiga superar os seus medos (Grossmann & Grossmann, 2020; MacDonald, 1992). Neste contexto, a criança sabe que é bem-vinda e que o cuidador está disponível para a receber, ajudar e confortar, física ou emocionalmente sempre que necessário e se depara com adversidades (e.g., cansaço, ansiedade), deixando-a mais tranquilizada (Bowlby, 1988; Waters & Cummings, 2000). Por outras palavras, a confiança que criam através de uma relação de apoio com as figuras de vinculação proporciona às crianças a confiança necessária para que estas possam explorar e envolver-se em novas experiências, sabendo que a ajuda dos pais está prontamente disponível (Song et al., 2009). Se a figura de vinculação está disponível e é responsiva às necessidades e aos sinais de *stress* da criança, este pode ser regulado através de estratégias que envolvam uma procura mais ativa de conforto e apoio nessa mesma figura (Ainsworth et al., 1978, citados em Kobak & Sceery, 1988). Desta forma, o cuidador mostra estar presente se a criança precisar, mas ao mesmo tempo está a permitir que a criança possa explorar o ambiente e interagir com outras pessoas, e se torne capaz de se compreender a si mesma e aos outros no que diz respeito a estados mentais internos (Bowlby, 1988; Grossmann & Grossmann, 2020). Tal permite que a criança experiencie transições mais suaves entre a procura da figura de vinculação para se acalmar quando está em sofrimento e o retorno à exploração (Grossmann & Grossmann, 2020; Tanner & Francis, 2025). Pelo contrário, cuidados pouco sensíveis e pouco responsivos por parte dos cuidadores podem resultar em padrões de vinculação inseguros. De facto, numa circunstância menos ideal, as figuras de vinculação podem rejeitar a tentativa de conforto da criança ou estar inconsistentemente disponíveis e inaptas para a confortar (Ainsworth et al., 1978, citados em Kobak & Sceery, 1988).

Ao longo do primeiro ano de vida, os bebês desenvolvem progressivamente expectativas em relação a eventos que ocorrem de forma recorrente nas suas vidas. À medida que os ciclos do sono e de alimentação do bebê se adaptam aos seus ritmos de cuidado e que os sistemas de controle se complexificam, o bebê começa a organizar internamente estas expectativas em modelos representacionais do ambiente e das pessoas importantes à sua volta – os “modelos internos dinâmicos” (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988). Estes modelos internos dinâmicos são as representações cognitivas que um indivíduo tem da relação com as suas figuras de vinculação, estando associados a comportamentos de regulação emocional que ocorrem na infância, como a gestão do *stress* e a qualidade das suas relações, e à aquisição de competências linguísticas e de representação por parte da criança (Kobak & Sceery, 1988). Além disso, o cuidado fiável dos pais faz com que a criança desenvolva representações mentais - modelos internos dinâmicos – de si própria como amável e sendo digna de cuidados (Song et al., 2009).

Assim, a qualidade das relações de vinculação molda a formação de modelos representacionais do *self* e dos outros à nossa volta (Verschuere, 2020). A confiança formada na estabilidade mútua do entendimento das necessidades entre o cuidador e a sua criança passa a fazer parte do modelo interno cognitivo da criança na sua relação com a figura materna, permitindo-lhe tolerar a separação dessa figura por longos períodos e com cada vez menos sofrimento (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988). Pelo contrário, uma criança com padrão de vinculação insegura, decorrente de cuidados de menor qualidade, tende a interiorizar modelos representacionais negativos das figuras de vinculação, de que os outros não são de confiança e que não estão disponíveis para dar resposta às suas necessidades, resultando numa perceção de que o *self* não é digno de ser amado (Bartholomew & Horowitz, 1991; Oppenheim et al., 1997).

2. Vinculação na transição para a adolescência

Embora existam várias definições na literatura, a adolescência pode ser entendida como o intervalo entre a infância e a altura em que se assume o papel e as responsabilidades de um adulto, sendo marcada por mudanças nos papéis sociais (Dorn et al., 2006).

Na primeira infância, o mundo social das crianças acaba por ser orientado e moldado pelos membros da família. Mesmo que estas crianças passem algum tempo fora de casa separadas dos pais, estes acabam por ser as principais figuras sociais na vida da

criança, funcionando como figuras de vinculação, professores e companheiros de brincadeira (Bowlby, 1988; Grossmann & Grossmann, 2020; Kerns & Brumariu, 2016).

À medida que se desenvolvem, as crianças acabam por passar mais tempo longe dos pais e estes começam a ter menos controlo e influência no contexto e vida social das crianças (Kerns & Brumariu, 2016). No início ou a meio da adolescência, ocorre um conjunto mais específico de processos envolvidos na maturação física e reprodutiva, designados de puberdade, que progridem de uma forma rápida (Dorn et al., 2006). Estas alterações hormonais e neurofisiológicas coexistem com mudanças mentais, emocionais e cognitivas que conduzem à formação de novas relações mais sociais, havendo uma preferência pelos pares no que diz respeito a companhia e a brincadeiras (Kerns & Brumariu, 2016; Rosenthal & Kobak, 2010; Seibert & Kerns, 2009).

Apesar destas mudanças, as relações de vinculação entre pais e filhos perduram nesta fase de desenvolvimento (Bowlby, 1988; Grotevant & Cooper, 1986; Rosenthal & Kobak, 2010). Especificamente, as relações entre pais e adolescentes continuam a ter uma função adaptativa, fornecendo uma base segura para que os adolescentes possam explorar, compreender e adaptar-se a novos contextos de uma forma cada vez mais independente (Grotevant & Cooper, 1986). Para tal, existe uma contribuição tanto dos pais como dos adolescentes para a relação existente entre ambos, sendo que estes últimos se tornam mais independentes da influência parental e assumem maior autoridade na tomada de decisões (Grotevant & Cooper, 1986; Kerns & Brumariu, 2016). Desta forma as crianças começam a evitar mais os vínculos com os pais e começam a ter uma atitude mais afastada em relação a esses vínculos emocionais, dependendo cada vez menos destes para obter apoio emocional (Kerns & Brumariu, 2016). Contudo, não há uma diminuição da necessidade das figuras de vinculação, mas sim uma mudança da importância da proximidade para a disponibilidade que os cuidadores têm para o adolescente (Bowlby, 1988; Grotevant & Cooper, 1986).

Nesta fase de desenvolvimento, os comportamentos que surgem após a separação de um cuidador, como o protestar e entrar em desespero, tornam-se menos frequentes e sofrem alterações que acabam por tornar a proximidade com a mãe menos urgente, pois vão adquirindo uma maior capacidade de regulação emocional e sabem que mesmo que o cuidador não esteja presente, estão seguros (Bowlby, 1969/1982). Contudo, as relações de vinculação permanecem como relações altamente seletivas, das quais os jovens procuram quando necessitam de um apoio emocional mais profundo,

desempenhando funções únicas que se podiam diferenciar de outras relações sociais de suporte (Rosenthal & Kobak, 2010). Assim, continuam a existir situações que ativam comportamentos de vinculação em situações de maior vulnerabilidade, permitindo distinguir as figuras de vinculação de outras pessoas das redes de apoio dos adolescentes. Estas situações incluem ameaças à acessibilidade da figura de vinculação, emergências que envolvem perigo ou situações que podem despertar sentimentos de proximidade, sentindo-se mais conectados emocionalmente à sua figura de vinculação quando estão em momentos de *stress* ou têm alguma experiência nova que querem partilhar. A procura da proximidade à figura de vinculação pode também ocorrer apenas quando o jovem está a ter um dia difícil, passou por uma experiência menos positiva ou por um momento de maior ansiedade (Rosenthal & Kobak, 2010).

Neste sentido, Kerns et al. (2001) destacam que a supervisão parental ao longo do desenvolvimento é uma função dos pais, mas acaba por ser também dos filhos, havendo uma procura destes últimos pela presença e orientação dos pais. Isto reflete-se na contribuição tanto dos filhos como dos pais para a relação de vinculação. Por sua vez, Seibert e Kerns (2009) mostraram que as crianças entre os 7 e os 12 anos de idade preferem os pais no que diz respeito a questões mais profundas da vinculação, como conforto emocional e um apoio onde se sentem seguros, e os pares no que diz respeito a questões de companheirismo e de brincadeira (Seibert & Kerns, 2009).

Segundo Ainsworth (1989), é necessária mais investigação acerca de mudanças importantes que ocorrem no desenvolvimento na fase da adolescência. É importante salientar e estar atento para o facto de que mudanças importantes nas relações de vinculação e na natureza destas podem dever-se a alterações já referidas acima, e não apenas a experiências socioemocionais.

Em suma, apesar de se manter, a relação entre os pais e adolescentes é transformada de forma considerável à medida que é renegociada entre todos (Grotevant & Cooper, 1986). Neste contexto, é fundamental que o jovem tenha liberdade para recorrer a uma figura de confiança e responsiva - seja o pai, a mãe ou outro cuidador que seja significativo para este – sempre que necessite de apoio, independentemente da situação. Desta forma, essa figura de confiança pode assumir o papel de porto de abrigo onde o jovem se pode confortar e proteger, e de base segura onde é incentivado à autonomia (Grossmann & Grossmann, 2020).

3. Semelhanças e diferenças nas relações de vinculação com o pai e com a mãe na infância e na adolescência

Enquanto figuras de vinculação, o papel do pai pode ser muito semelhante ao papel que é desempenhado pelas mães, sendo que são ambos complementares um ao outro (Bowlby, 1988; Grossman & Grossman, 2020).

No entanto, a relação de vinculação pai-criança parece ter uma qualidade única que é diferente da relação de vinculação entre mãe-criança, uma vez que as suas interações acabam por ser mais lúdicas e desafiadoras (Grossman & Grossman, 2020). Em alguns casos e culturas, os pais podem desempenhar o papel das mães com muito menos frequência do que as mães quando os filhos ainda são muito pequenos (Bowlby, 1988; Grossmann & Grossmann, 2020). Nesta fase de vida das crianças, é muito provável que o papel do pai seja o de se envolver mais facilmente e com maior entusiasmo em brincadeiras fisicamente estimulantes; especialmente com rapazes, o pai pode acabar por se tornar no seu companheiro preferido de brincadeira (Bowlby, 1988; Grossmann & Grossmann, 2020). Embora seja evidente a priorização que muitos pais dão à exploração e à brincadeira, a maioria dos pais funciona também como um porto de abrigo; de facto, se as suas brincadeiras inicialmente prazerosas e divertidas se tornarem assustadoras para a criança e o pai tiver de parar e acalmá-la (Grossmann & Grossmann, 2020).

Por outro lado, o sistema comportamental de prestação de cuidados das mães em resposta aos comportamentos de vinculação dos filhos pode ter uma predominância sobre o apoio à exploração da criança. Segundo uma perspetiva mais evolutiva, as mães acabam por valorizar mais a sobrevivência das crianças uma vez que cada filho representa um grande custo reprodutivo (Grossmann & Grossmann, 2020). Assim, as mães podem ter um papel mais protetor e de monitorização do bem-estar da criança no que diz respeito a sinais de ferimentos (Grossmann & Grossmann, 2020). Além disso, na maioria das culturas, são as mães que normalmente realizam mais tarefas diárias de cuidados em comparação com os pais, e são as que passam mais tempo com a criança/jovem (Bowlby, 1988; Grossmann & Grossmann, 2020; Rosenthal & Kobak, 2010). Assim, é mais comum que ocorram episódios de angústia seguidos de conforto quando a criança está com a mãe do que quando está com o pai, de tal modo que as mães acabam por desempenhar um papel de porto de abrigo com muito mais frequência do que os pais das crianças (Grossmann & Grossmann, 2020).

Na adolescência, a literatura tem mostrado que a qualidade da relação de vinculação pais-filhos e mães-filhos tende a manter-se (Bowlby, 1988; Kerns & Brumariu, 2016; McCormick & Kennedy, 1994), verificando-se uma continuidade nas percepções tanto dos adolescentes como de crianças entre os 7 e os 12 anos de idade acerca das suas relações de vinculação com os pais e com as mães (Bowlby, 1988; Kerns & Brumariu, 2016; McCormick & Kennedy, 1994). Com o desenvolvimento dos filhos, ambos os pais adaptam os seus comportamentos, estimulando mais a sua autonomia e os jovens também percebem os pais como mais encorajadores da sua independência do que quando eram mais novos (McCormick & Kennedy, 1994). Apesar destas mudanças, os jovens reconhecem que os pais são igualmente responsivos em todas as fases de desenvolvimento (McCormick & Kennedy, 1994).

No que se refere às diferenças entre pais e mães na adolescência, os pais foram reconhecidos como sendo os que incentivavam mais a independência dos jovens, por comparação com as mães (McCormick & Kennedy, 1994). Por sua vez, as mães tendem a ser mais responsivas e a ter mais contacto com os filhos por comparação com os pais nesta fase específica de desenvolvimento (McCormick & Kennedy, 1994; Rosenthal & Kobak, 2010). No mesmo sentido, Kerns et al. (2001) mostraram que os pré-adolescentes que relataram ter uma relação de vinculação mais segura com as mães relataram também uma maior monitorização por parte destas últimas. Simultaneamente, as mães destes pré-adolescentes relataram que estes conversavam mais com elas (Kerns et al., 2001).

Assim, as representações das relações de vinculação com o pai e com a mãe na adolescência continuam a influenciar a forma como os jovens interpretam o mundo que os rodeia e as expectativas que eles têm em relação aos outros e em relação a si-próprios (Bowlby, 1969/1982, 1988; Keizer et al., 2019; Wilkinson & Parry, 2004). Tal contribui para o desenvolvimento e a manutenção de relacionamentos interpessoais saudáveis, do bem-estar psicológico, da adaptação comportamental e ajustamento escolar, do autoconceito e da autoestima (Bowlby, 1988; Keizer et al., 2019; Verschueren, 2020; Wilkinson & Parry, 2004).

Keizer et al. (2019) concluíram que a qualidade da relação com a mãe influencia positivamente a autoestima dos filhos, independentemente do sexo; por outro lado, a relação com o pai só teve um impacto significativo na autoestima das filhas. Em contraste, um estudo anterior de Pinto et al. (2015), com crianças entre os 2 e os 3 anos, indicou que a autoestima estava mais associada à vinculação com o pai do que com a mãe. Song et al.

(2009) concluíram que, para as raparigas com idades compreendidas entre os 11 e os 23 anos, a vinculação à mãe teve uma influência ligeiramente maior na autoestima das mesmas, em comparação com a vinculação ao pai. Keizer et al. (2019) destacam ainda a importância de analisar separadamente as relações mãe-filho, pai-filho, mãe-filha e pai-filha, para compreender de que forma cada figura parental contribui para a relação e, consequentemente, para o desenvolvimento da autoestima.

4. Autoestima na adolescência

A autoestima pode ser entendida como a avaliação subjetiva que uma pessoa faz do seu valor (Chung et al., 2017). Partindo de uma abordagem desenvolvimental, Harter (1985) conceitualiza a autoestima como um construto multidimensional, organizado em seis domínios. A competência escolar diz respeito à percepção que um indivíduo tem da sua competência e aptidão no desempenho escolar. A aceitação social refere-se à aceitação pela parte dos pares e à popularidade. A competência atlética diz respeito à competência do indivíduo ou à sua capacidade para jogos e desportos. A aparência física refere-se à satisfação com o aspeto físico e a aparência. O comportamento remete para o quanto a pessoa gosta do seu comportamento e acha que age de forma adequada e correta. Por fim, a autoestima global que avalia se a criança gosta dela enquanto pessoa e se está feliz com a sua vida e com aquilo em que se tornou (Alves-Martins et al., 1995). Consistentemente com a perspetiva de James (1892, citado em Harter, 2012), Harter (2012) considera que a percepção de competência nesses domínios considerados importantes pelo sujeito é o melhor preditor de autoestima global, resultando em níveis elevados de autoestima. Pelo contrário, uma baixa competência percebida em domínios considerados importantes terá como consequência uma autoestima menos elevada (Alves-Martins et al., 1995).

Uma vez que as evidências existentes reportam que a autoestima tem consequências importantes, torna-se essencial abordar o desenvolvimento da autoestima (Orth & Robins, 2014). Ao longo do seu desenvolvimento, crianças e jovens vão construindo uma compreensão mais elaborada de quem são, quem são os outros e como se relacionar com os outros. À medida que crescem, as crianças tornam-se participantes ativas na construção da sua identidade, pelo que as interpretações que os adultos fazem delas são consideradas, no entanto não são vistas como únicas, passando a voz e opinião da criança a ter cada vez mais importância (Thompson, 2006). Devido às mudanças físicas, cognitivas e relacionais que a caracterizam, a pré-adolescência é uma fase onde o

self começa a tornar-se mais complexo e cada vez mais diferenciado, começando a abranger diversas características, incluindo uma maior variedade de atributos (Harter, 2006; Keizer et al., 2019). As crianças começam a construir uma imagem de si próprias mais complexa, multifacetada e diferenciada, refletindo assim as suas novas capacidades cognitivas, começando a pensar sobre si próprias de uma forma mais abstrata. Neste período, começa, assim, a haver uma formação e transformação de carácter e de personalidade e um aumento e uma reorganização na compreensão de si mesmos e dos outros (Harter, 2006). Estudos transversais realizados com correlações mostram que jovens que amadureçam mais cedo, sejam emocionalmente estáveis, mais conscientes e extrovertidos, tendem a apresentar níveis de autoestima mais elevados. Ser extrovertido pode facilitar a capacidade de se adaptarem a novos ambientes sociais, encontrar novos colegas e adaptar-se a novos papéis (Wagner et al., 2013; Watson et al., 2002)

Na transição da infância para a adolescência, a autoestima, tal como o *self*, começa também a tornar-se diferenciada e mais complexa. Na infância, as crianças mais novas tendem a avaliar-se de uma forma mais geral e pouco detalhada, por outro lado, e à medida que o *self* se torna mais complexo, os adolescentes começam a distinguir diferentes domínios da sua competência, começando a fazer uma avaliação mais complexa de si mesmos. Uma vez que estes começam a desenvolver as suas capacidades cognitivas, tornam-se mais capazes de se comparar com os outros, usando essas mesmas comparações como base da sua autoavaliação (Harter, 2006). Estas mudanças na autoestima são influenciadas por diversos fatores, incluindo o desenvolvimento físico. De facto, a puberdade envolve alterações na aparência física e na forma do nosso corpo, podendo afetar especificamente a nossa imagem corporal e a satisfação com o nosso corpo, o que pode influenciar significativamente as experiências psicológicas e sociais dos adolescentes (Park et al., 2025; Williams & Currie, 2000).

A literatura tem sugerido que podem existir diferenças de sexo na autoestima dos pré-adolescentes. Por exemplo, Curcio et al. (2019) mostraram que pré-adolescentes mais velhas do sexo feminino (16 e 17 anos) tinham uma autoestima significativamente mais baixa em comparação com o sexo masculino e com crianças mais novas (13 e 14 anos). Quatman e Watson (2001) reportaram também nos seus resultados que os rapazes apresentam geralmente uma autoestima global mais elevada em comparação com as raparigas. Estas diferenças entre sexos podem dever-se ao facto de as raparigas tenderem a ser mais introspetivas, egocêntricas e autoconscientes, o que faz com que estas se

preocupem e pensem mais sobre a maneira como são percebidas pelos outros à sua volta (Bluth et al., 2017).

5. Vinculação e autoestima na infância e na adolescência

De acordo com a teoria da vinculação, as relações de vinculação precoces com os cuidadores moldam as crenças e expectativas que as crianças formam sobre os outros e sobre si mesmas ao longo do seu desenvolvimento, tendo implicações importantes no desenvolvimento do *self* (Bowlby, 1969/1982; Kim & Cicchetti, 2004). Através das interações diárias com as figuras de vinculação, as crianças começam a interiorizar uma percepção de si próprias como sendo mais ou menos dignas de atenção e cuidados; esse sentimento influencia a forma como passam a interpretar as relações com os outros e a orientar os comportamentos sociais (Ainsworth, 1990, citado em Verschueren, 2020). Assim, a autoestima na adolescência não é apenas um traço individual, mas também influenciada por experiências relacionais, nomeadamente pelas relações de vinculação (Wilkinson & Parry, 2004).

Sendo que a autoestima vem das relações com os outros (Keizer et al., 2019), pessoas que se percebem valorizadas e aceites, desenvolvem uma elevada autoestima (Seon, 2021). Pelo contrário, falta de sensibilidade emocional, inconsistência na resposta às necessidades da criança e negligência emocional ou física por parte dos cuidadores, têm sido relacionados com dificuldades de desenvolvimento do *self* e com o desenvolvimento de modelos representacionais negativos das figuras de vinculação, bem como de si mesmas (Kim & Cicchetti, 2004; Oppenheim et al., 1997). Pessoas com baixa autoestima esperam que as outras pessoas também as avaliem de uma forma desfavorável (Cheng et al., 2015).

Os resultados dos estudos parecem suportar os pressupostos teóricos sobre o papel da vinculação segura na autoestima (Paterson et al., 1995; Pinquart, 2023; Wilkinson & Parry, 2004). Especificamente, os estudos mostraram que a qualidade e a segurança das relações de vinculação para com cada um dos pais, bem como o conforto, o apoio e suporte parental estavam positivamente relacionados com uma maior autoestima nas crianças e nos adolescentes (Harris et al., 2017; Harris & Orth, 2020; Paterson et al., 1995; Pinto et al., 2015). No mesmo sentido, os estudos longitudinais de Kim e Cicchetti (2004) relataram que relações precoces de menor qualidade entre mãe e filho prejudicam o desenvolvimento da autoestima. Crianças que tinham relatado

inicialmente uma relação insegura com a mãe exibiram uma menor autoestima. Por outro lado, crianças até aos 12 anos que relataram ter uma qualidade de vinculação segura com as suas mães, apresentaram níveis mais elevados de autoestima (Kim & Cicchetti, 2004). Na adolescência, a autoestima mostrou estar positivamente relacionada com o incentivo dos pais à independência, com a aceitação e com uma relação de vinculação segura a ambos os pais (McCormick & Kennedy, 1994). Song et al. (2009) também reforçaram a ideia de que pré-adolescentes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, mostram ter uma relação de vinculação mais segura às mães do que pré-adolescentes do sexo masculino, e esta maior qualidade percebida de relação à mãe está, por sua vez, mais fortemente associada à autoestima nas raparigas.

Mais recentemente, a meta-análise de Pinquart (2023) concluiu que uma maior segurança inicial na relação de vinculação previu um aumento na autoestima ao longo do tempo. Simultaneamente, esta meta-análise mostrou que uma autoestima inicial prevê também uma mudança na segurança da relação com os cuidadores. Pinquart (2023) mostrou ainda existir uma associação positiva entre a segurança da vinculação aos pais e a autoestima dos jovens com média de idades nos 16 anos. Estas associações de segurança da vinculação com a autoestima revelaram ser mais fortes quando se avaliava a vinculação com a díade parental do que com uma figura parental individual. No entanto, esta associação da segurança da vinculação à autoestima foi menor em crianças mais velhas, podendo indicar uma mudança desenvolvimental, como referido por outros autores (i.e., Bowlby, 1988; Grotevant & Cooper, 1986; Kerns & Brumariu, 2016; Rosenthal & Kobak, 2010; Seibert & Kerns, 2009). Nota-se também que, quando avaliada a segurança da vinculação à mãe e ao pai em separado, as crianças reportam uma maior segurança na relação com a mãe (Pinquart, 2023).

No que se refere às dimensões da autoestima, Tafarodi e Milne (2002) argumentaram que diferentes componentes da autoestima se podem associar a diferentes dimensões da relação de vinculação com os pais. Especificamente, a autoapreciação, relacionada com o sentido de merecimento, pode estar relacionado com a acessibilidade dos cuidadores e a capacidade de resposta destes. Por sua vez, a autocompetência, que se refere à avaliação pessoal das nossas capacidades e aptidões em relação a resultados dirigidos para objetivos, pode estar relacionada com as noções da teoria da vinculação do efeito de base segura e exploração segura (Tafarodi & Swann Jr, 2001).

A literatura tem sugerido que as associações entre a relação de vinculação com os cuidadores primários e a autoestima podem variar em função da idade das crianças e jovens (Pinquart, 2023). Especificamente, a meta-análise de Pinquart (2023) concluiu que as associações positivas da segurança da vinculação com a autoestima são de magnitude mais fraca em crianças mais velhas.

Do mesmo modo, alguns estudos têm sugerido que as associações entre a relação de vinculação com os cuidadores primários e a autoestima podem variar em função do sexo das crianças e dos cuidadores (Keizer et al., 2019; Pinto et al., 2015). Por exemplo, Pinto et al. (2015) concluíram que a autoestima das crianças de 2 e 3 anos estava mais fortemente associada à relação de vinculação com os pais do que à relação de vinculação com as mães. Por sua vez, o estudo de Keizer et al. (2019) mostrou que uma melhor qualidade das relações de vinculação mães-adolescentes se associa a uma maior autoestima dos adolescentes, independentemente do sexo destes. Por oposição, a qualidade das relações de vinculação pais-adolescentes mostrou associar-se a uma maior autoestima para as adolescentes do sexo feminino, mas não para os adolescentes do sexo masculino. Os resultados deste estudo parecem, assim, reforçar que a mãe pode ser uma figura de vinculação primária importante e mais presente (Bowlby, 1988; Grossmann & Grossmann, 2020; Keizer et al., 2019; Rosenthal & Kobak, 2010).

Em suma, os estudos têm sido consistentes mostrando que relações de vinculação seguras estão associadas a níveis mais elevados de autoestima (Harris & Orth, 2020; Harris et al., 2017; Kim & Cicchetti, 2004; Paterson et al., 1995; Pinto et al., 2015; Seon, 2021).

6. Objetivos e hipóteses

Ao longo dos anos tem sido bastante estudada a vinculação e como esta pode moldar a autoestima e o bem-estar das crianças e dos adolescentes (i.e., Harris & Orth, 2020; Harris et al., 2017; Kim & Cicchetti, 2004; Paterson et al., 1995; Pinto et al., 2015; Song et al., 2009; Wilkinson & Parry, 2004). Apesar de ser um tema bastante estudado, a maioria dos estudos existentes foram realizados com crianças do ensino primário ou mais novas, adolescentes e jovens adultos (i.e., Chung et al., 2017; Pinto et al., 2015; Rosenthal & Kobak, 2010; Song et al., 2009), sendo a grande maioria estudos longitudinais (i.e., Keizer et al., 2019; Kim & Cicchetti, 2004; Orth & Robins, 2014). Do meu conhecimento da literatura, existem poucos estudos sobre a associação da vinculação com os cuidadores

e a autoestima na fase da pré-adolescência (Pinquart, 2023). O período da adolescência representa uma notável transição desenvolvimental, devido às mudanças físicas da puberdade, aos avanços existentes no desenvolvimento cognitivo e às mudanças nas expectativas sociais, fazendo com que a fase da pré-adolescência seja particularmente importante para o desenvolvimento da autoestima (Dorn et al., 2006; Harter, 2006). Apesar das vantagens dos métodos de observação, é importante examinar os autorrelatos de pré-adolescentes dos 10 aos 12 anos sobre as relações com os cuidadores e a autoestima, na medida em que esta é uma fase onde o *self* começa a tornar-se mais complexo e cada vez mais diferenciado (Harter, 2006; Keizer et al., 2019).

Examinar a associação entre as percepções de segurança de vinculação com os pais e a autoestima nesta fase de transição é importante e necessário para que, no futuro, se possam realizar intervenções numa fase mais precoce e mais adequadas às diferentes fases de desenvolvimento.

Os poucos estudos existentes sugerem que pode ser importante distinguir entre as díades mãe-filho, pai-filho, mãe-filha e pai-filha, para que se possa compreender como é que essas relações moldam a percepção que têm da qualidade do vínculo e consequentemente, a autoestima dos jovens (Keizer et al., 2019).

Em suma, as relações com a mãe e com o pai estão associadas de forma diferente à autoestima dos filhos, dependendo do sexo da criança e do cuidador. Ao fazer-se a distinção entre as diferentes díades, podemos compreender da melhor forma como é que cada relação contribui especificamente para o desenvolvimento da autoestima nos pré-adolescentes (Keizer et al., 2019).

Além do mais, a maioria das investigações têm sido realizadas noutros contextos culturais, como Alemanha, China, Estados Unidos e Holanda. Em culturas como Alemanha e Estados Unidos, era prática comum os pais entregarem os bebés às mães sempre que estes choravam ou necessitavam de cuidados, sendo estas as que realizavam mais tarefas diárias, reforçando o papel da mãe como cuidadora principal (Grossmann & Grossmann, 2020; Rosenthal & Kobak, 2010). Por este motivo, a realização deste estudo com jovens em Portugal, pode permitir-nos melhor compreender as associações entre as representações de vinculação e a autoestima numa cultura diferente, onde o papel da mãe e do pai já são mais semelhantes e complementares (Bowlby, 1988; Grossman & Grossman, 2020). Tal pode permitir delinear intervenções mais adequadas à nossa

realidade, contribuindo com mais dados para investigações futuras acerca da relação das representações de vinculação com os cuidadores e a autoestima dos jovens.

Posto isto, o principal objetivo desta investigação é analisar as representações que os pré-adolescentes entre os 10 e os 12 anos de idade têm das suas relações de vinculação com os cuidadores e se estas estão associadas à autoestima dos mesmos.

Proveniente deste principal objetivo, esta investigação tem como objetivos específicos: descrever as diferenças nas representações de vinculação e na autoestima consoante o sexo e idade dos pré-adolescentes; e analisar se a relação de vinculação com cada um dos pais está associada à autoestima dos filhos de forma equivalente.

Sendo assim colocam-se as seguintes hipóteses:

H1: Espera-se que as raparigas apresentem níveis mais elevados de segurança de vinculação comparando com os rapazes.

H2: Jovens de idades mais velhas apresentam menores níveis de segurança da vinculação em comparação com os mais novos.

H3: Espera-se que os pré-adolescentes apresentem níveis mais elevados de segurança de vinculação à mãe em comparação com a segurança de vinculação ao pai.

H4: Espera-se que os rapazes apresentem níveis mais elevados de autoestima em comparação com as raparigas.

H5: Existe uma associação positiva entre a segurança de vinculação percebida à mãe e ao pai e a autoestima global dos pré-adolescentes, isto é, maiores pontuações no domínio da Base Segura e do Porto de Abrigo levam a maiores pontuações na autoestima.

H6: A base segura com ambos os pais, prediz significativamente a autoestima global dos pré-adolescentes.

H7: O porto de abrigo com ambos os pais, prediz significativamente a autoestima global dos pré-adolescentes.

III. Método

1. Participantes

A amostra deste estudo foi recrutada com base num método não probabilístico por conveniência uma vez que as crianças foram recrutadas em locais que eram acessíveis e conhecidas da investigadora, não sendo assim uma amostragem aleatória.

Os critérios de inclusão para a participação neste estudo foram: as crianças terem idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos; compreenderem a língua portuguesa (uma vez que os questionários aplicados são em português); terem o consentimento dos pais/encarregados de educação (cf. Anexo A), no caso das escolas, para participarem no estudo, e as próprias crianças assentirem a sua participação. No que diz respeito a critérios de exclusão, foram excluídos os questionários de crianças que tinham idades superiores a 12 anos; crianças que não compreendiam a língua portuguesa; crianças cujos pais/encarregados de educação não consentiram a sua participação no estudo e aquelas que não assentiram participar no estudo, mesmo com o consentimento dos pais.

Esta amostra foi constituída por 205 crianças, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos ($M = 11.18$, $DP = .77$), sendo que 82.8% destes tinham irmãos. A amostra foi constituída por 132 crianças do sexo feminino (65.3%) e 70 do sexo masculino (34.7), havendo uma maior proporção de raparigas. A Tabela 1 sumaria a frequência e percentagens de alunos em cada ano de escolaridade. Os participantes frequentavam entre o 4º e o 7º ano de escolaridade, em escolas situadas na área metropolitana de Lisboa. Houve uma maior proporção de crianças que frequentavam o 5º ano de escolaridade (43.1%). Os participantes eram 74.8% portugueses e de outros países da Europa, 12.9% de países africanos de expressão portuguesa e 12.4% da América Latina.

Todos os participantes que responderam apenas a um dos questionários da segurança da vinculação (apenas mãe ou apenas pai) foram removidos, uma vez que neste estudo é pretendido fazer comparações entre a relação das crianças com a mãe e com o pai.

Esta amostra tinha uma maior proporção de pais casados ou que viviam juntos (76%) e 24% dos pais eram divorciados ou separados. As idades das mães variaram entre os 27 e os 62 anos de idade ($M = 42.75$, $DP = 5.87$), e as idades dos pais variaram entre

os 27 e os 66 anos ($M = 45.12$, $DP = 6.63$). No que diz respeito à escolaridade dos pais, 50.9% das crianças reportaram que as mães tinham o ensino secundário ou menos e 47.3% reportaram que estas tinham um curso do ensino superior. Relativamente aos pais, 53% tinha o ensino secundário ou menos e 45% tinha o ensino superior. 64.6% das mães trabalhava a tempo inteiro, com 7.6% de mães que não trabalhavam, e em relação aos pais, 73.1% destes trabalhavam a tempo inteiro, com uma percentagem de 3.1% de pais que não trabalhavam.

Tabela 1

Frequência de alunos por ano de escolaridade

Ano de escolaridade	
	N (%)
4º ano	6 (2.9)
5º ano	88 (43.1)
6º ano	67 (32.8)
7º ano	43 (21.1)
Total	204 (100)

2. Procedimentos

O presente estudo apresentou um delineamento transversal uma vez que foi realizado num único momento. De forma a permitir comparações, foram utilizados diferentes grupos de participantes, possibilitando a análise de diferenças que possam existir entre sexos e idades.

A recolha dos dados foi realizada entre março e junho de 2025, nas salas de aula das crianças, em escolas públicas, em clubes desportivos e em centros de estudo na área metropolitana de Lisboa. As direções dos agrupamentos de escolas, dos clubes desportivos e dos centros de estudo foram contactadas previamente por email (cf. Anexo B) para pedir a sua autorização e a sua colaboração para este estudo. As instituições foram informadas dos objetivos do estudo, no que este consistia e quantos questionários seriam aplicados às crianças. Posteriormente, foi realizada uma reunião presencial onde foram apresentados o projeto e os questionários a aplicar, para que estes vissem as questões abordadas, e foram entregues os consentimentos informados para que estes pudessem ser entregues aos encarregados de educação das crianças. A reunião presencial serviu também

para definir datas de entrega dos consentimentos, dias e horas de aplicação dos questionários, consoante as disponibilidades das instituições e dos jovens, e o método de aplicação dos mesmos (online ou em papel) consoante a preferência de cada estabelecimento.

Após a obtenção das autorizações dos estabelecimentos, foram entregues 350 consentimentos informados e foram devolvidos 298 que aceitaram participar no estudo.

Posteriormente à devolução dos consentimentos informados assinados pelos encarregados de educação, foram estipulados os dias para que as investigadoras pudessem então iniciar a aplicação dos questionários nos diferentes locais de recolha. No momento de aplicação dos questionários, as investigadoras apresentaram-se, explicaram em que consistia o estudo e os questionários. Mesmo que as crianças tivessem o consentimento dos encarregados de educação, foi sempre pedido o assentimento das mesmas para a sua participação no estudo. Aquelas que não assentiram a sua participação, não preencheram os questionários.

A aplicação dos instrumentos foi realizada na presença de duas alunas do mestrado previamente treinadas para que pudessem explicar as instruções de forma clara, e para tirar quaisquer dúvidas que pudessem surgir ao longo do preenchimento dos questionários. Foi sempre explicado que os dados eram confidenciais e que a sua participação era voluntária, podendo desistir a qualquer momento, enaltecendo sempre o preenchimento dos questionários de forma individual.

No que diz respeito à aplicação dos questionários nas escolas, estes foram aplicados durante o horário escolar, entre as 8:00 e as 18:00, nas salas de aula das devidas turmas, em formato de papel, em dois dias seguidos. Estes dias foram escolhidos por serem acessíveis tanto para as escolas como para os alunos, de forma a interferir o menos possível com a vida deles. Quanto ao preenchimento dos questionários por parte de crianças dos clubes desportivos e dos centros de estudo, estes foram preenchidos num momento anterior ou posterior aos treinos e no intervalo dos estudos. O preenchimento dos questionários teve a duração média de 1 hora.

Este estudo seguiu sempre os códigos deontológicos da Associação Americana de Psicologia (APA), da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) e do Regulamento Europeu de Proteção de Dados, sendo sempre assegurada a integridade dos métodos utilizados ao longo da investigação e a confidencialidade dos dados dos participantes. Os

dados sociodemográficos recolhidos foram sempre tratados de forma coletiva tendo sido atribuído um número a cada questionário, sem nunca identificar a identidade dos mesmos.

3. Instrumentos

Para a realização deste estudo foram utilizados três questionários: a Escala de Segurança de Kerns revista – *Kerns Security Scale – Revised* (KSS, Kerns et al., 2015) que foi adaptada para a população portuguesa por Fernandes et al. (2021), a Escala de Autoconceito e de Autoestima para crianças – *Self-Perception Profile for Children* (SPP-FC) e Escala de Importância - *Perceived Competence Scale for Children* (PCS-FC) de Harter (1985), adaptada para a população portuguesa por Alves-Martins et al. (1995). Foi ainda aplicada uma ficha de dados sociodemográficos dos participantes.

A ficha de dados sociodemográficos foi preenchida por cada criança que participou no estudo. Esta contempla dados como o sexo, idade, ano de escolaridade, o país de nascimento, estado civil dos pais, idade destes, nível de escolaridade dos mesmos, se trabalham ou não, e, se aplicável, o número de irmãos e as suas idades.

Escala de Segurança

A Escala de Segurança de Kerns revista – *Kerns Security Scale – Revised* (KSS) é um questionário de autorrelato elaborado para crianças entre os 8 e os 14 anos de idade. Esta escala tinha anteriormente 15 itens, tendo sido posteriormente revista, passando a conter 21 itens. Mede o grau em que a criança vê as representações da vinculação com a mãe e com o pai e se estes são responsivos às necessidades da criança e disponíveis quando esta precisa. O foco principal é perceber em que medida é que a figura de vinculação abordada serve de porto de abrigo quando a criança precisa. Esta escala é composta por 42 itens na sua totalidade, sendo 21 itens para o questionário da mãe e outros 21 itens para o questionário do pai, divididos em duas subescalas: Porto de Abrigo – *The Safe Haven Support* (SHS) e a subescala Base Segura - *Secure Base Support* (SBS). A subescala do Porto de Abrigo é composta por 14 itens que permitem perceber se existe uma comunicação aberta das necessidades e emoções entre os cuidadores e a criança e se esta os utiliza como porto de abrigo quando fica angustiada. No que diz respeito à subescala da Base Segura, esta tem 7 itens que avaliam o incentivo e o apoio que os pais/cuidadores dão para que a criança explore o mundo que a rodeia e as novidades que possam surgir (Fernandes et al., 2021).

A escala é composta por afirmações que refletem dois tipos diferentes de crianças, sendo que há afirmações que refletem uma maior segurança na relação com a mãe/pai e outras que refletem uma menor segurança na relação, e a criança tem de escolher com qual das afirmações se identifica mais. Posto isto a criança tem de referir se se identifica exatamente com a afirmação ou apenas em parte. Estes itens são avaliados numa escala de *Likert* de 1 a 4 pontos onde pontuações mais altas (4 pontos) indicam uma maior segurança na relação de vinculação e, por outro lado, pontuações mais baixas (1 ponto) indicam uma menor segurança. A pontuação máxima possível de obter neste questionário é a de 84 pontos, mostrando assim uma maior segurança na relação de vinculação, e a pontuação mínima possível é a de 21 pontos, indicando uma menor segurança na relação.

Esta escala foi traduzida através de uma metodologia de adaptação cultural de questionários psicológicos, sendo posteriormente validada para a população portuguesa por Fernandes et al. (2021).

De forma a verificar-se a consistência interna da escala original e da versão traduzida foram utilizados os alfas de *Cronbach* (α). A consistência interna da escala original foi considerada boa para a subescala SHS e aceitável para a subescala SBS, pelo que se confirma que os itens avaliam o mesmo construto ($\alpha = .88$ para o questionário de SHS da mãe; $\alpha = .90$ para o do pai; $\alpha = .76$ na subescala SBS para a mãe e $\alpha = .74$ para o pai (Fernandes et al., 2021). No que diz respeito à versão traduzida para a população portuguesa, esta apresenta uma consistência ainda mais alta do que a versão original, mostrando que os itens desta versão avaliam o construto pretendido ($\alpha = .89$ na subescala SHS da mãe, $\alpha = .91$ para o pai; $\alpha = .79$ na subescala SBS da mãe e $\alpha = .83$ na do pai).

Em relação à presente amostra, os alfas de *Cronbach* da subescala SBS foram de .75 para a mãe e de .72 para o pai, e quanto à subescala SHS foram de .84 para a mãe e de .85 para o pai. Estes valores de alfa demonstram assim uma boa fiabilidade das escalas na amostra presente neste estudo.

Escala de Autoconceito e de Autoestima

A Escala de Autoconceito e de Autoestima para crianças e pré-adolescentes – *Self-Perception Profile for Children* (SPP-FC) contém 36 itens que permitem avaliar a perceção que crianças entre os 8 e os 15 anos de idade têm da sua autoestima em seis domínios, sendo que cinco deles se referem a domínios específicos. A Competência

Escolar avalia a forma como as crianças se percebem em relação ao seu desempenho escolar. A Aceitação Social avalia a percepção que a criança tem da sua popularidade e aceitação pelos pares. A Competência Atlética diz respeito à competência da criança e à sua capacidade para jogos e desportos. A Aparência Física avalia a satisfação que a criança tem com o seu aspeto físico e aparência. O último domínio específico é o da Atitude Comportamental, e este avalia o quanto a criança gosta da forma como se comporta e se age de forma correta e de acordo com o que esperam dela. Por fim, o último domínio refere-se à avaliação global da Autoestima, que avalia se a criança gosta dela enquanto pessoa e se é feliz. Este domínio não é considerado um domínio específico como os anteriores por dizer respeito a um julgamento global da criança. Cada um destes domínios é composto por 6 itens.

À semelhança da escala acima referida, esta é também composta por afirmações com dupla opção, sendo que umas refletem uma alta competência percebida e outras refletem baixa competência percebida, tendo a criança que escolher a afirmação com a qual se identifica mais e posteriormente qual o grau de identificação com a afirmação (sou tal e qual assim ou sou um bocadinho assim). Esta escala é cotada de 1 a 4 pontos sendo que pontuações mais altas (4 pontos) correspondem a uma maior competência percebida por parte da criança e pontuações mais baixas (1 ponto) correspondem a baixa competência percebida. De forma a que os itens sejam contrabalançados para não haver respostas tendenciosas que possam enviesar o estudo, metade dos itens de cada domínio começam com as afirmações que indicam um grau mais elevado de competência ou adequação, sendo estas cotadas com 4, 3, 2, 1, e a outra metade começa com as afirmações que indicam menor competência, sendo estas cotadas em 1, 2, 3, 4. A pontuação máxima possível nesta escala é de 144 pontos, indicando uma boa competência percebida, e a pontuação mínima possível é de 36 pontos, indicando uma baixa competência percebida. Após todos os itens serem cotados, é calculada a média para cada domínio ficando um total de seis médias, através das quais será traçado o perfil de cada participante.

No que diz respeito à Escala de Importância (PCS-FC) que a criança atribui a cada um dos domínios, esta é composta por 10 itens, sendo dois para cada domínio do autoconceito. Estas afirmações seguem o mesmo método já referido de dupla opção em que uma reflete uma maior importância atribuída e a outra reflete uma menor importância, e a criança tem de escolher com qual se identifica mais, se esta se identifica exatamente

com a afirmação apresentada, ou apenas em parte. Esta escala é cotada da mesma forma que a anterior.

Por fim, de forma a calcular a relação entre a competência das crianças nos domínios específicos (Competência Escolar; Aceitação Social; Competência Atlética; Aparência Física; Atitude Comportamental) que elas consideram importantes e a autoestima global, é calculada a discrepância entre o julgamento da criança sobre a sua competência e o julgamento sobre a importância que ela atribui a cada um dos domínios. Desta forma é possível perceber se a criança se sente bem nas áreas que ela considerou serem importantes para ela. Uma maior discrepância significa que a criança atribuiu uma maior importância a domínios que considerou ser menos competente, levando a uma menor autoestima (Alves-Martins et al., 1995).

Para a avaliação da autoestima neste estudo, foi utilizada apenas a discrepância entre as duas escalas, não tendo sido o objetivo deste estudo analisar os domínios do autoconceito, uma vez que o objetivo é verificar apenas a autoestima global das crianças.

A consistência interna da escala original de Susan Harter (1985), foi analisada através dos alfas de *Cronbach* de quatro grupos amostrais de 1990. No domínio da Competência Escolar, estes valores variaram entre $.80 < \alpha < .84$; na Competência Social (atualmente, Aceitação Social) variaram entre $.75 < \alpha < .84$; na Competência Atlética entre $.76 < \alpha < .91$; na Aparência Física entre $.76 < \alpha < .88$; no domínio da Atitude Comportamental variaram entre $.76 < \alpha < .87$; e, por fim, entre $.80 < \alpha < .87$ no domínio da Autoestima Global. Estes valores foram considerados aceitáveis mostrando que as subescalas são consistentes entre si (Harter, 2012). De forma a ser possível aplicar estes questionários na população portuguesa, foi necessário verificar a validade e fiabilidade desta escala traduzida. No que diz respeito à fiabilidade dos itens, verificou-se uma boa consistência entre os itens da escala de Autoconceito na sua totalidade ($\alpha = .86$), pelo que esta escala pode ser aplicada na população portuguesa (Alves-Martins et al., 1995).

Para a verificação da consistência interna da escala na presente amostra, foram também observados os alfas de *Cronbach* para os diferentes domínios. Relativamente à Competência Escolar, os alfas foram de .84, .74 para a Aceitação Social, .76 para a Competência Atlética, .57 para a Aparência Física, .77 para a Atitude Comportamental e, por fim, .79 no domínio da Autoestima global. Estes valores indicam que, para a presente amostra, houve uma boa fiabilidade dos diferentes domínios excetuando no domínio da

Aparência física. Neste domínio foi possível notar que, se o item 10 fosse eliminado, este teria um alfa de *Cronbach* de .81, mostrando assim uma boa fiabilidade deste domínio na amostra, pelo que se pode dizer que este item não contribuiu muito para discriminar esta amostra.

Relativamente à validade da escala, esta permite verificar se uma medida avalia o que se pretende medir (Harter, 2012). Quanto à validade da Escala de Harter, no que diz respeito ao perfil de Autoconceito, verifica-se que esta cumpre os critérios de validade de conteúdo, uma vez que os itens desta escala representam de uma forma fidedigna o conceito abordado. Ao abordarem de forma direta os conceitos em questão, os itens tornam-se claros e acessíveis, facilitando a sua compreensão por parte das crianças. No que se refere à validade fatorial, Harter realizou uma análise fatorial com rotação oblíqua que permitiu comprovar uma clara distinção entre os diferentes domínios da escala. Os resultados demonstraram valores fatoriais elevados, não havendo praticamente valores cruzados. Posto isto, pode-se afirmar que os diferentes domínios correspondem a diferentes construtos, sendo distinguidos pelos itens de cada um deles (Harter, 2012).

No que diz respeito à validade da escala traduzida para a população portuguesa, esta foi analisada por Alves-Martins e colaboradores (1995) através de uma análise fatorial com rotação oblíqua, definindo cinco fatores incididos sobre 30 itens. Uma vez que a autoestima global se destina a avaliar um sentimento geral, os itens relativos a este domínio não foram considerados nesta análise. Os resultados obtidos na escala adaptada para a população portuguesa revelaram uma estrutura idêntica à da versão original embora a ordem dos itens tenha sido diferente à apresentada por Harter (1985). Deste modo, a escala traduzida respeita a base subjacente à escala original, com uma avaliação dos cinco domínios do autoconceito (Alves-Martins et al., 1995).

4. Análise de Dados

Para inserção e tratamento dos dados foi utilizado o *software IBM SPSS Statistics*, versão 30. Foram eliminados todos os dados dos participantes que não terminaram de responder a todos os questionários bem como aqueles que não cumpriam os critérios de inclusão. Posteriormente, fomos aferir a fiabilidade dos instrumentos aplicados neste estudo, através dos alfas de *Cronbach*.

Neste mesmo *software* foi feita uma análise descritiva dos participantes, de forma a melhor compreender a amostra presente no estudo. Foi possível perceber a proporção do sexo das crianças que participaram no estudo e também a média de idades das mesmas. Assim é possível perceber se existe uma representatividade dos sexos na amostra. Foram também analisados alguns dados descritivos dos pais/cuidadores relativamente às idades, escolaridade, trabalhos e o estado civil destes, de forma a obter uma análise mais específica da amostra.

De forma a perceber se existiam diferenças significativas em relação à segurança na vinculação e em relação à autoestima na presente amostra, foi realizada uma análise multivariada (ANOVA Multivariada). Posteriormente, e de forma a observar se os resultados obtidos vão de encontro às hipóteses estabelecidas, foi feita uma análise inferencial através de uma correlação de *Pearson* para que, de uma forma quantitativa, fosse possível perceber se as representações que as crianças tinham das suas relações de vinculação com ambos os cuidadores estavam associadas com a autoestima que estas apresentaram. Por conseguinte, foi realizada uma regressão linear para perceber se a Base Segura e o Porto de Abrigo tanto da mãe como do pai, são preditores da autoestima dos pré-adolescentes.

De forma a ser possível perceber se os dados obtidos são estatisticamente significativos, teve-se sempre em consideração o nível de significância estabelecido por convenção em $p < .05$, com intervalo de confiança de 95%.

IV. Resultados

Os resultados aqui apresentados são descritos consoante as principais hipóteses propostas inicialmente neste estudo. Primeiramente foram realizadas análises multivariadas de forma a perceber se existem diferenças entre os sexos e idades das crianças relativamente a cada domínio específico da escala de segurança (KSS), como se pode verificar pelas médias expostas na Tabela 2 e da escala da autoestima (SPPS-FC), como reportado na Tabela 3.

No que diz respeito às idades das crianças, em relação à segurança percebida na relação de vinculação, as diferenças verificadas entre as mais novas (10) e as mais velhas (12) não foram significativas, para um nível de significância de $p < .05$. Relativamente à escala da segurança global (SS), os valores foram de $p = .58$ relativamente à mãe e de p

= .27 relativamente ao pai. Após discriminar as diferentes subescalas, obteve-se um valor de $p = .27$ para a SBS da mãe, $p = .62$ para a SHS da mãe, $p = .50$ para a subescala SBS do pai e $p = .28$ para a subescala SHS do pai.

Relativamente aos sexos das crianças, as diferenças encontradas também não se mostraram estatisticamente significativas. Quanto ao domínio global da segurança, os valores de significância foram de $p = .62$ para a mãe e de $p = .57$ para o pai. Quando analisadas as subescalas, os valores de significância foram de $p = .21$ para a subescala SBS da mãe e $p = .77$ para a SHS, e relativamente às subescalas do pai, os valores foram de $p = .58$ para a SBS e $p = .69$ para a subescala SHS.

Tabela 2

Médias e desvios-padrão da segurança da vinculação percebida por idades e sexo

		<i>M (DP)</i>					
		SS_M	SBS_M	SHS_M	SS_P	SBS_P	SHS_P
Idade	10	3.26 (.41)	3.36 (.43)	3.21 (.48)	3.07 (.49)	3.22 (.57)	3.00 (.56)
	11	3.29 (.54)	3.31 (.63)	3.28 (.58)	3.20 (.51)	3.31 (.58)	3.14 (.56)
	12	3.19 (.64)	3.18 (.66)	3.18 (.66)	3.05 (.64)	3.20 (.66)	2.99 (.69)
Sexo	F	3.26 (.56)	3.31 (.57)	3.24 (.60)	3.13 (.57)	3.26 (.59)	3.06 (.61)
	M	3.20 (.56)	3.19 (.67)	3.21 (.60)	3.08 (.56)	3.21 (.65)	3.02 (.63)

Relativamente à análise multivariada das diferenças entre idades na escala da autoestima (SPPS-FC), não se verificou nenhuma diferença significativa para nenhum dos domínios da escala. Assim sendo, a Competência Escolar tinha um nível de significância de $p = .63$, a Aceitação Social com um nível de $p = .55$, a Competência Atlética com $p = .85$, a Aparência Física com $p = .24$, o Comportamento com $p = .72$ e a Autoestima Global com $p = .45$.

No que diz respeito ao sexo, já foi possível encontrar uma diferença estatisticamente significativa, relativamente ao domínio da Competência Escolar, apresentando um nível de significância de $p < .01$, $F(1,180) = 8.64$, $p = .004$, $\eta^2_p = .05$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .83$. Em relação aos restantes domínios que não demonstraram existir diferenças significativas, a Aceitação Social teve um nível de significância de $p =$

.82, $p = .47$ para a Competência Atlética, $p = .67$ para a Aparência Física, $p = .12$ para o Comportamento e $p = .42$ para o domínio geral da Autoestima.

Tabela 3

Médias e desvios-padrão da autoestima por idades e sexo

		<i>M (DP)</i>					
		CE	AS	CA	AF	COM	AE
Idade	10	2.60 (.72)	2.91 (.63)	2.52 (.56)	2.71 (.69)	2.92 (.69)	3.12 (.67)
	11	2.59 (.68)	2.87 (.63)	2.50 (.74)	2.86 (.54)	3.02 (.59)	3.13 (.69)
	12	2.70 (.79)	2.78 (.71)	2.45 (.73)	2.69 (.62)	2.98 (.67)	2.99 (.71)
Sexo	F	2.53 (.77)*	2.84 (.67)	2.46 (.72)	2.77 (.62)	3.03 (.63)	3.04 (.72)
	M	2.87 (.60)*	2.86 (.65)	2.54 (.68)	2.73 (.61)	2.88 (.67)	3.13 (.65)

* $p < .01$.

Após estas análises e comparações entre as diferentes idades e sexos relativamente às escalas aplicadas, foi feita também uma comparação entre a segurança de vinculação a mães mais novas e mais velhas, e a pais mais novos e mais velhos, isto é, entre cuidadores maiores ou menores de 40 anos de idade. Esta análise foi também realizada para a escala da autoestima, de forma a perceber se pais mais velhos ou mais novos moldam a autoestima dos pré-adolescentes, sendo possível observar-se as respetivas médias na Tabela 5 abaixo apresentada.

Relativamente ao grupo de idade das mães em relação à segurança da vinculação percebida pelos jovens, houve uma diferença significativa em relação à segurança da vinculação nas mães, com um nível de significância de $p < .01$, $F(1,186) = 7.74$, $p = .006$, $\eta^2_p = .04$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .79$. Quando comparado as idades das mães com cada domínio específico da escala da segurança, nomeadamente com a Base Segura e o Porto de Abrigo, foi possível observar uma diferença estatisticamente significativa para ambos os domínios. No domínio da Base Segura da mãe, o nível de significância foi de $p = .01$, $F(1, 185) = 6.33$, $\eta^2_p = .03$, com poder estatístico $(1 - \beta) = .71$, e no domínio do Porto de Abrigo, a significância foi de $p = .01$, $F(1, 185) = 6.37$, $\eta^2_p = .03$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .71$. Estas diferenças devem-se ao facto de os jovens terem reportado uma maior segurança da vinculação a mães mais velhas, tal como se pode verificar na Tabela 4 referente às médias. Relativamente às idades das mães em comparação com a segurança da vinculação global aos pais, e com os domínios específicos da Base Segura

e do Porto de Abrigo, não houve quaisquer diferenças significativas ($p = .57$ para a SS, $p = .83$ para a Base Segura e $p = .50$ para o Porto de Abrigo).

No que diz respeito ao grupo de idade dos pais em relação à segurança da vinculação percebida pelos jovens, houve uma diferença significativa na segurança de vinculação às mães com uma significância de $p = .01$, $F(1,185) = 6.31$, $\eta^2_p = .03$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .71$. Relativamente à segurança de vinculação aos pais, não houve qualquer diferença significativa na globalidade da segurança ($p = .31$). Quando analisados os domínios específicos da escala, observa-se também uma diferença significativa nos domínios da Base Segura e do Porto de Abrigo da mãe, $F(1,185) = 5.16$, $p = .02$, $\eta^2_p = .03$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .62$ para a Base Segura e $F(1,185) = 5.24$, $p = .02$, $\eta^2_p = .03$, com poder estatístico $(1 - \beta) = .63$ para o Porto de Abrigo. Estas diferenças significam que as crianças reportam ter uma maior segurança da vinculação ao pai, quanto maior segurança de vinculação tiverem com as mães.

Tabela 4

Médias e desvios-padrão da segurança da vinculação percebida por grupos de mães e pais mais novos e mais velhos

		<i>M (DP)</i>					
		SS_M	SBS_M	SHS_M	SS_P	SBS_P	SHS_P
Grupo Idade Mãe	< 40	3.10 (.62)*	3.13 (.71)**	3.09 (.66)	3.08 (.56)	3.24 (.65)	3.01 (.62)
	> 40	3.33 (.50)*	3.36 (.52)**	3.31 (.54)	3.13 (.57)	3.25 (.58)	3.08 (.61)
Grupo Idade Pai	< 40	3.09 (.61)**	3.12 (.71)**	3.08 (.65)	3.05 (.61)	3.20 (.72)	2.98 (.67)
	> 40	3.31 (.52)	3.34 (.54)**	3.29 (.55)	3.14 (.54)	3.27 (.54)	3.08 (.59)

* $p < .01$.

** $p < .05$.

Relativamente à segunda variável deste estudo, a autoestima, foi também realizada uma análise multivariada de forma a perceber se existe alguma diferença significativa entre mães e pais mais novos e mais velhos, em cada domínio da escala da autoestima utilizada. Neste caso, para o grupo das mães, a única diferença estatisticamente significativa encontrada foi no domínio do Comportamento ($F(1,183) = 7.66$, $p = .01$, $\eta^2_p = .04$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .79$), verificando-se que mães mais velhas acabam por influenciar mais o comportamento dos filhos, do que as mães mais novas, tal como se pode observar pelas médias apresentadas na Tabela 5. Já relativamente

à comparação do grupo da idade dos pais com a autoestima dos pré-adolescentes, não se encontrou nenhuma diferença que fosse significativa, para nenhum dos domínios da escala da autoestima.

Tabela 5

Médias e desvios-padrão da autoestima dos jovens por grupos de mães e pais mais novos e mais velhos

		<i>M (DP)</i>					
		CE	AS	CA	AF	COM	AE
Grupo Idade Mãe	< 40	2.53 (.74)	2.82 (.58)	2.54 (.73)	2.74 (.61)	2.81 (.64)*	2.99 (.73)
	> 40	2.69 (.73)	2.85 (.71)	2.45 (.68)	2.76 (.61)	3.08 (.62)*	3.11 (.67)
Grupo Idade Pai	< 40	2.57 (.78)	2.74 (.61)	2.48 (.70)	2.73 (.59)	2.88 (.70)	2.98 (.74)
	> 40	2.66 (.71)	2.89 (.68)	2.48 (.70)	2.77 (.62)	3.03 (.61)	3.11 (.67)

* $p < .01$.

Foi também analisada a naturalidade dos participantes relativamente às diferenças na segurança da vinculação por eles percebida e na sua autoestima. No que diz respeito à segurança da vinculação à mãe, nesta amostra apresentada foi possível observar-se uma diferença significativa entre os pré-adolescentes de países europeus e os de países africanos de expressão portuguesa (PALOPs), $F(2,183) = 3.27$, $p = .04$, $\eta^2_p = .04$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .62$, mostrando que os jovens portugueses e de outros países da europa relataram ter uma maior segurança da vinculação à mãe do que os jovens de países africanos, tal como se pode perceber pela Tabela 6 abaixo apresentada. Quando analisado cada domínio específico da segurança da vinculação – a Base Segura e o Porto de Abrigo – foi também encontrada uma diferença significativa, no entanto desta vez entre os jovens dos países africanos e os jovens da América Latina, $F(2,182) = 3.31$, $p = .04$, $\eta^2_p = .04$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .62$, com uma maior segurança percebida pelos jovens da América Latina. Por outro lado, no que diz respeito à segurança da vinculação ao pai, já não foi encontrada nenhuma diferença significativa entre as diversas nacionalidades presentes na amostra, tanto na globalidade da segurança, bem como em nenhuma das subescalas da segurança.

Tabela 6

Médias e desvios-padrão da segurança da vinculação consoante a naturalidade dos jovens

	<i>M (DP)</i>					
	SS_M	SBS_M	SHS_M	SS_P	SBS_P	SHS_P
Países Europeus	3.29 (.52)*	3.31 (.58)	3.28 (.55)	3.15 (.54)	3.29 (.57)	3.08 (.59)
PALOPs	3.00 (.54)*	3.01 (.52)*	3.00 (.58)	2.92 (.59)	3.02 (.59)	2.88 (.67)
América Latina	3.35 (.66)	3.45 (.71)*	3.31 (.67)	3.10 (.69)	3.25 (.81)	3.03 (.74)

* $p < .05$.

Em relação à comparação de diferenças entre a naturalidade dos participantes e a autoestima dos mesmos, a única diferença significativa encontrada foi em relação ao domínio da Competência Escolar, com os pré-adolescentes de países europeus a demonstrar uma maior autoestima na competência escolar percebida relativamente aos da América Latina, $F(2, 180) = 4.19$, $p = .02$, $\eta_p^2 = .05$, com poder estatístico $(1 - \beta) = .73$. As restantes diferenças não significativas podem verificar-se na Tabela 7.

Tabela 7

Médias e desvios-padrão da autoestima consoante a naturalidade dos jovens

	<i>M (DP)</i>					
	CE	AS	CA	AF	COM	AE
Países Europeus	2.69 (.72)*	2.90 (.66)	2.49 (.67)	2.74 (.63)	3.02 (.64)	3.10 (.65)
PALOPs	2.69 (.64)	2.58 (.60)	2.47 (.77)	2.75 (.56)	2.74 (.65)	2.89 (.84)
América Latina	2.18 (.77)*	2.84 (.67)	2.45 (.88)	2.88 (.57)	3.00 (.63)	3.06 (.86)

* $p < .05$.

Relativamente ao estado civil dos pais, foi também feita uma análise das diferenças na segurança da vinculação aos pais, de forma a perceber se o facto de estes estarem juntos ou separados, afeta a relação percebida pelas crianças. Com isto, tal como é possível verificar pelas médias da Tabela 8, foi possível verificar que existe de facto uma diferença estatisticamente significativa em relação à segurança da vinculação ao pai, sendo que as crianças relataram ter uma maior segurança ao pai quando estes são casados ou vivem juntos, em comparação com pais separados, $F(2, 180) = 6.63$, $p < .01$, $\eta_p^2 = .07$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .91$. Quando analisados especificamente cada um dos domínios da segurança da vinculação, também é possível encontrar estas diferenças

significativas entre os pais que são casados ou vivem juntos e os que estão separados, novamente com uma maior segurança no domínio da Base Segura ($F(2,180) = 3.93, p = .02, \eta^2_p = .04$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .70$) e do Porto de Abrigo ($F(2,180) = 7.02, p < .01, \eta^2_p = .07$, e poder estatístico $(1 - \beta) = .93$) do pai quando este é casado ou vive junto com a mãe/madrasta da criança.

Quanto à autoestima dos jovens, foi feita também uma análise multivariada, no entanto não foram encontradas quaisquer diferenças significativas importantes de salientar.

Tabela 8

Médias e desvios-padrão da segurança da vinculação consoante o estado civil dos pais

	<i>M (DP)</i>					
	SS_M	SBS_M	SHS_M	SS_P	SBS_P	SHS_P
Casados	3.29 (.54)	3.29 (.60)	3.28 (.58)	3.17 (.52)*	3.27 (.53)	3.13 (.56)*
Divorciados	3.08 (.67)	3.20 (.71)	3.02 (.70)	2.84 (.71)*	3.03 (.80)**	2.75 (.77)*
União de Facto	3.33 (.46)	3.28 (.53)	3.35 (.50)	3.27 (.41)*	3.39 (.53)**	3.20 (.48)*

* $p < .01$.

** $p < .05$.

Uma vez que o principal objetivo deste estudo passava por perceber se a segurança da vinculação aos pais percebida pelas crianças está relacionada com a autoestima destas, foi elaborada uma correlação de *Pearson* entre as diferentes dimensões da escala da segurança da vinculação e os diferentes domínios da autoestima. Foi possível observar-se associações positivas estatisticamente significativas entre a segurança da vinculação à mãe e ao pai e a autoestima das crianças, excetuando entre a segurança da vinculação à mãe e o domínio da Competência Atlética ($r = .11, p = .15$). Isto mostra que a vinculação à mãe não influencia a perceção que as crianças têm da sua competência atlética. Sendo assim, quanto mais a criança percebe a sua relação ao pai e à mãe como segura, maior é a autoestima percebida por parte das crianças. As correlações positivas observadas vão desde uma magnitude pequena a forte. A Tabela 9 sumaria as correlações existentes entre as variáveis em estudo.

Tabela 9*Correlação entre a segurança na vinculação aos pais e a autoestima das crianças*

	<i>R</i>											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. SS_M	1	.86*	.97*	.42*	.37*	.41*	.29*	.35*	.11	.35*	.38*	.48*
2. SBS_M		1	.71*	.25*	.28*	.22*	.17*	.26*	.08	.26*	.35*	.41*
3. SHS_M			1	.47*	.38*	.47*	.33*	.37*	.11	.36*	.37*	.47*
4. SS_P				1	.83*	.95*	.26*	.44*	.32*	.38*	.26*	.54*
5. SBS_P					1	.64*	.21*	.37*	.33*	.31*	.22*	.49*
6. SHS_P						1	.26*	.44*	.29*	.39*	.26*	.53*
7. CE							1	.26*	.21*	.21*	.36*	.45*
8. AS								1	.37*	.51*	.24*	.56*
9. CA									1	.33*	.02	.34*
10. AF										1	.27*	.61*
11. COM											1	.51*
12. AE												1

* $p < .01$.

Nota. M = mãe; P = pai; SS = subescala de segurança; SBS_M = subescala da base segura; SHS = subescala do porto de abrigo; CE = competência escolar; AS = aceitação social; CA = competência atlética; AF = aparência física; COM = comportamento; AE = autoestima global

Uma vez que foi possível verificar que ambas as variáveis estão relacionadas, foi posteriormente realizada uma regressão linear para perceber se a Base Segura e o Porto de Abrigo da mãe e do pai predizem a autoestima dos pré-adolescentes. Desta forma foi possível verificar que, no que diz respeito à Base Segura de ambos os pais, esta não foi preditora de uma maior autoestima nos jovens. No entanto, o Porto de Abrigo da mãe ($F(4,165) = 12.82, t = 3.55, p < .001; R^2 = .24$) e do pai ($F(6,163) = t = 3.24, p < .01; R^2 = .38$) foram preditores significativos da Autoestima global das crianças, mostrando que quanta mais segurança neste domínio da vinculação, maior é a autoestima dos jovens.

Relativamente a cada domínio específico da autoestima, foi feita a mesma análise para cada variável da segurança da vinculação. No que diz respeito à Competência Escolar das crianças, o único preditor foi realmente o Porto de Abrigo que as crianças reportaram da mãe ($F(4,168) = 10.24, t = 4.26, p < .001; R^2 = .20$). Relativamente à Aceitação Social, tanto o Porto de Abrigo da mãe como do pai foram preditores de uma maior perceção de Aceitação Social das crianças ($F(4,168) = 7.37, t = 3.84, p < .001; R^2 = .15$ para a mãe e $F(6,166) = 8.98, t = 2.31, p = .02; R^2 = .25$ para o pai). Para a

Competência Atlética reportada pelas crianças, o único preditor foi a Base Segura do pai ($F(6,165) = 3.64, t = 2.12, p = .04; R^2 = .12$) pois, tal como analisado anteriormente, não há uma correlação entre este domínio e a segurança da vinculação à mãe. Portanto, no domínio desportivo, parece que a segurança aos pais são os que mais influenciam a autoestima das crianças. No que diz respeito à Aparência Física, verifica-se novamente o Porto de Abrigo da mãe ($F(4,167) = 5.92, t = 3.17, p < .01; R^2 = .12$) e do pai ($F(6,165) = 6.43, t = 2.38, p = .02; R^2 = .19$) a predizer uma maior autoestima dos pré-adolescentes neste domínio. Por fim, relativamente ao Comportamento das crianças, apenas o Porto de Abrigo da mãe é preditor de uma maior autoestima neste domínio ($F(4,167) = 8.27, t = 2.43, p = .02; R^2 = .17$).

V. Discussão

O presente estudo enfatiza a importância da qualidade da vinculação ao pai e à mãe na formação da autoestima dos pré-adolescentes, sendo que uma aceitação dos jovens e a promoção da sua independência são fundamentais para o desenvolvimento positivo dos mesmos. Os autores, McCormick e Kennedy (1994), concluem que a relação entre pais e filhos é crucial para o desenvolvimento emocional e social dos adolescentes, pelo que as suas interações devem ser cuidadas ao longo do tempo de forma a promover o bem-estar psicológico dos jovens.

O presente estudo teve, por isso, como principal objetivo, investigar se a percepção que os pré-adolescentes têm da sua relação com os cuidadores está associada à autoestima dos jovens. A amostra deste estudo foi constituída por 205 crianças entre os 10 e os 12 anos de idade, que frequentavam escolas e centros de estudo na área metropolitana de Lisboa.

Os resultados das análises descritivas revelaram que as raparigas reportaram níveis mais elevados de segurança na vinculação em comparação com os rapazes, so que se mostra consistente com a primeira hipótese formulada. No entanto, a literatura sobre este fenómeno é escassa, pelo que seria pertinente que investigações futuras procurassem explicar as razões para uma possível maior vinculação das raparigas aos pais, em comparação com os rapazes. Apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação à idade, através da Tabela 2 é possível verificar que pré-adolescentes mais velhos apresentam níveis mais baixos de segurança na vinculação, confirmando-se assim a segunda hipótese deste estudo. Esta afirmação pode

ser compreendida pela transformação que ocorre na relação com os cuidadores ao longo do desenvolvimento. Tal como referido por diversos autores, à medida que os jovens adquirem maior capacidade de autorregulação emocional, estes começam a procurar menos apoio emocional junto dos pais, tornando-se mais independentes da influência parental, mantendo desta forma um sentimento de segurança sem recorrer aos mesmos (Bowlby, 1969/1982; Bowlby, 1988; Grotevant & Cooper, 1986; Kerns & Brumariu, 2016; Rosenthal & Kobak, 2010; Seibert & Kerns, 2009). Foi ainda possível notar que os pré-adolescentes reportaram ter uma maior segurança na vinculação à mãe do que ao pai, o que pode ser explicado pelo facto de as mães normalmente apresentarem um papel mais responsivo e mais preocupado com os filhos. Estas, por serem as que passam mais tempo com os filhos, uma vez que são as que normalmente realizam mais tarefas, acabam por desempenhar com mais frequência o seu papel de cuidadoras, levando a maiores níveis de segurança na vinculação (Bowlby, 1988; Grossmann & Grossmann, 2020; McCormick & Kennedy, 1994; Pinquart, 2023; Rosenthal & Kobak, 2010), comprovando-se assim a terceira hipótese deste estudo. Relativamente à autoestima, os resultados obtidos indicam que os rapazes apresentaram níveis mais elevados de autoestima do que as raparigas, tal como mostrado na literatura, indo assim de encontro à quarta hipótese deste estudo. Curcio et al. (2019) e Quatman e Watson (2001) relataram nos seus estudos que os rapazes tendem a apresentar uma autoestima global mais elevada e as raparigas uma autoestima significativamente mais baixa. Isto pode ser explicado pelo facto de as raparigas terem tendência a ser mais introspetivas, preocupando-se mais com a sua aparência e as suas competências (Bluth et al., 2017). Embora na literatura não se encontrem diferenças significativas relativamente à cultura dos participantes (i.e., Bakermans-Kranenburg et al., 2004), é de salientar que no presente estudo foi encontrada uma diferença significativa entre pré-adolescentes de países europeus e os de países africanos de expressão portuguesa, sendo que os jovens portugueses e de outros países da Europa relataram ter uma maior segurança da vinculação à mãe do que os jovens de países africanos. Relativamente a cada domínio específico da vinculação (Base Segura e Porto de Abrigo), houve diferenças estatisticamente significativas entre os jovens dos países africanos e os da América Latina, sendo que estes últimos apresentaram uma maior segurança da vinculação à mãe.

De forma a responder ao principal objetivo deste estudo, os resultados da correlação confirmaram existir uma associação positiva entre a segurança na vinculação

à mãe e ao pai e a autoestima dos pré-adolescentes, ou seja, os pré-adolescentes que reportaram ter uma maior segurança na vinculação com a mãe e com o pai, apresentaram níveis mais elevados de autoestima. Aqueles que reportaram níveis mais baixos de segurança na vinculação à mãe e/ou ao pai, apresentaram também níveis mais baixos de autoestima. Estes dados são convergentes com os estudos de autores que referem que vínculos parentais de qualidade e seguros, tanto com a mãe como com o pai, estão positivamente associadas com uma maior autoestima nos jovens, pelo que relações de vinculação de menor qualidade podem comprometer o desenvolvimento da autoestima dos filhos ao longo do tempo (Harris et al., 2017; Harris & Orth, 2020; Kim & Cicchetti, 2004; Paterson et al., 1995; Pinquart, 2023; Pinto et al., 2015).

Após confirmação de que ambas as variáveis em estudo estavam associadas, foi realizada uma regressão linear múltipla de forma a perceber se a vinculação aos pais é preditora da autoestima dos pré-adolescentes. Os dados mostraram que, relativamente ao domínio da Base Segura, esta não foi preditora da autoestima nos jovens, não se confirmando assim a sexta hipótese deste estudo. No que diz respeito ao domínio do Porto de Abrigo da mãe e do pai, os resultados confirmaram que este é preditor significativo da Autoestima global das crianças. Esta afirmação indica que uma criança ou jovem que tenha uma maior segurança na relação com a mãe e/ou com o pai, terá uma autoestima mais elevada, pois sente-se segura, valorizada e que as suas necessidades são correspondidas, desenvolvendo representações de si mesma como sendo amável (Song et al., 2019, Verschueren, 2020). Esta análise vai de encontro à literatura na medida em que, quando as crianças se deparam com dificuldades no seu dia a dia, vão ter com os seus cuidadores, se assim se sentirem seguros, utilizando-os como uma fonte de conforto. Desta forma sentem-se melhores com elas próprias, mantendo assim uma autoestima mais elevada (Bowlby, 1988; Waters & Cummings, 2000). Pinquart (2023) também concluiu que uma relação de vinculação segura previu um aumento na autoestima, pelo que os resultados deste estudo se mostram coerentes com a literatura existente.

Em suma, os resultados mostram que a segurança na vinculação percebida aos pais está associada com a autoestima dos pré-adolescentes. Mais especificamente, a variável Porto de Abrigo tanto da mãe como do pai, é preditor significativo da autoestima global dos pré-adolescentes, pois sentem que podem utilizar os seus cuidadores como um refúgio e uma fonte de conforto, aumentando a sua confiança e autoestima de si mesmos (Waters & Cummings, 2000). Quanto mais os jovens percebem as suas relações com os

cuidadores como seguras, maior é a autoestima destes nos seus diversos domínios. Apesar de as mães serem as que normalmente desempenham o papel de figura primária, a maioria dos pais funciona também como um porto de abrigo, pois apesar de estes terem mais brincadeiras com os seus filhos, a criança pode deparar-se com alguma adversidade e o pai pode ter de acalmá-la (Grossmann & Grossmann, 2020). Tal contribui para o desenvolvimento e a manutenção de relacionamentos interpessoais saudáveis, do bem-estar psicológico, da adaptação comportamental e ajustamento escolar, do autoconceito e da autoestima (Bowlby, 1988; Keizer et al., 2019; Verschueren, 2020; Wilkinson & Parry, 2004). Foi ainda possível identificar alguns padrões, nomeadamente no que diz respeito às diferenças na relação com as mães e com os pais, o que reforça a relevância deste estudo para uma literatura mais atual e complexa e para o delineamento de futuras intervenções parentais.

1. Limitações

Apesar de tentar ultrapassar algumas limitações de outros estudos, esta investigação apresenta também algumas limitações. Em relação à metodologia deste estudo, este teve uma amostragem por conveniência, não permitindo obter uma validade externa, o que impossibilita uma generalização dos resultados para outros contextos ou populações. O tipo de delineamento utilizado acaba por ser também uma limitação, pois sendo de tipo transversal, este não permite estabelecer relações de causalidade entre as variáveis em estudo nem trajetórias de desenvolvimento. Respetivamente à aplicação dos questionários, uma vez que estes foram preenchidos pelas próprias crianças e abordam temas sensíveis como a relação com os pais e como as crianças se sentem com elas próprias, deve reconhecer-se que o seu preenchimento pode suscitar algum desconforto emocional nos participantes, uma vez que as questões podem remeter para experiências pessoais ou memórias emocionalmente sensíveis. Pode ainda existir alguma desejabilidade social, levando a que os jovens respondam de uma forma mais positiva para obterem melhores resultados. Outra das limitações referentes à aplicação dos questionários foi o facto de esta ter sido feita com grandes grupos de alunos, o que fazia com que acabassem por se distrair mais, levando a um maior tempo de preenchimento dos questionários.

Como já foi diversas vezes referido ao longo deste estudo, uma vez que a vinculação se transforma à medida que as crianças crescem e enfrentam novos desafios

emocionais e sociais, seria interessante fazer estudos longitudinais onde analisam especificamente os diferentes domínios da vinculação – a base segura e o porto de abrigo, de forma a perceber como a confiança das crianças em explorar e a procura de conforto mudam ao longo do desenvolvimento.

2. Implicações

A promoção da autoestima e a prevenção da baixa autoestima são amplamente percebidas como um objetivo social importante que merece intervenções generalizadas para aumentar os níveis de autoestima na população (Orth & Robins, 2014). O facto de raparigas terem geralmente autoestima mais baixa do que rapazes pode ter implicações significativas para o desenvolvimento de intervenções e programas de apoio psicológico direccionados a jovens nestas faixas etárias, tendo em conta as diferenças associadas ao sexo.

Os resultados do presente estudo contribuem desta forma para uma reflexão da importância de promover relações familiares positivas, uma vez que estas estão associadas a níveis mais elevados de bem-estar e de autoestima nas crianças e jovens. Desta forma, é pertinente desenvolver intervenções também junto das famílias, envolvendo mães, pais e cuidadores presentes na vida das crianças, de forma a fortalecer estas relações e, por conseguinte, favorecer o desenvolvimento emocional das crianças.

Adicionalmente, é necessário compreender se são necessárias intervenções semelhantes ou diferenciadas para cada um dos cuidadores, tendo em conta o papel que estes desempenham no contexto familiar e o tipo de relação com as crianças, uma vez que cada um desempenha um papel diferente na destas. Os dados deste estudo podem contribuir para o desenvolvimento de programas mais personalizados e eficazes.

No que diz respeito a investigações futuras, seria interessante a realização de estudos longitudinais que permitam observar a evolução da associação entre a vinculação à mãe e ao pai e a autoestima ao longo do tempo, de forma a perceber possíveis relações de causalidade.

Em termos práticos, os resultados da presente investigação sugerem implicações importantes para a intervenção e prevenção em contextos psicológicos e educacionais. Pode ser benéfico adaptar as abordagens em função do sexo e da idade das crianças, identificando momentos específicos (emocionais, cognitivos, sociais) em que estas estão

mais vulneráveis. Por fim, destaco novamente a importância de incluir todo o sistema familiar nas intervenções, uma vez que estas relações impactam a vida das crianças e o desenvolvimento emocional destas.

Referências

- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychological Association*, 44(4), 709-716.
- Alves-Martins, M., Peixoto, F., Mata, L., & Monteiro, V. (1995). Escala de auto-conceito para crianças e pré-adolescentes de Susan Harter. In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Provas psicológicas em Portugal*, (pp. 79-89). APPORT.
- Bakermans-Kranenburg, M. J., van IJzendoorn, M. H., & Kroonenberg, P. M. (2004). Differences in attachment security between African-American and white children: Ethnicity or socio-economic status?. *Infant Behavior and Development*, 27(3), 417-433. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2004.02.002>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment Styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244.
- Bluth, K., Campo, R. A., Futch, W. S., & Gaylord, S. A. (2017). Age and gender differences in the associations of self-compassion and emotional well-being in a large adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 46(4), 840-853. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0567-2>
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss: Vol 1. Attachment*. Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure-base: Parent-child attachment and healthy human development*. Basic Books.
- Cheng, G., Zhang, D., & Ding, F. (2015). Self-esteem and fear of negative evaluation as mediators between family socioeconomic status and social anxiety in Chinese emerging adults. *International Journal of Social Psychiatry*, 61(6), 569-576. <https://doi.org/10.1177/0020764014565405>
- Chung, J. M., Hutteman, R., van Aken, M. A., & Denissen, J. J. (2017). High, low, and in between: Self-esteem development from middle childhood to young adulthood. *Journal of Research in Personality*, 70, 122-133. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2017.07.001>

- Curcio, A. L., Mak, A. S., & George, A. M. (2019). Maternal and paternal bonding and self-esteem as predictors of psychological distress among male and female adolescents. *Journal of Psychologists and Counsellors in Schools*, 29(1), 54-68. <https://doi.org/10.1017/jgc.2018.14>
- Dorn, L. D., Dahl, R. E., Woodward, H. R., & Biro, F. (2006). Defining the boundaries of early adolescence: A user's guide to assessing pubertal status and pubertal timing in research with adolescents. *Applied Developmental Science*, 10(1), 30-56. https://doi.org/10.1207/s1532480xads1001_3
- Fernandes, M., Veríssimo, M., Santos, A. J., Ribeiro, O., Vaughn, B. E., Gastelle, M., & Kerns, K. A. (2021). Measurement invariance across mother/child and father/child attachment relationships. *Attachment & Human Development*, 23(1), 56-74. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1710222>
- Grossmann, K., & Grossmann, K. E. (2020). Essentials when studying child-father attachment: A fundamental view on safe haven and secure base phenomena. *Attachment & Human Development*, 22(1), 9-14. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1589056>
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (1986). Individuation in family relationships: A perspective on individual differences in the development of identity and role-taking skill in adolescence. *Human Development*, 29(2), 82-100. <https://doi.org/10.1159/000273025>
- Harris, M. A., & Orth, U. (2020). The link between self-esteem and social relationships: A meta-analysis of longitudinal studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 119(6), 1459-1477. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000265>
- Harris, M. A., Donnellan, M. B., Guo, J., McAdams, D. P., Garnier-Villarreal, M., & Trzesniewski, K. H. (2017). Parental co-construction of 5-to 13-year-olds' global self-esteem through reminiscing about past events. *Child Development*, 88(6), 1810-1822. <https://doi.org/10.1111/cdev.12944>
- Harter, S. (2006). The self. In N. Eisenberg, W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 505-570). John Wiley & Sons, Inc..

- Harter, S. (2012). *Self-perception profile for children: Manual and questionnaires (grades 3-8)*. Univeristy of Denver, Department of Psychology.
- Keizer, R., Helmerhorst, K. O. W., & van Rijn-van Gelderen, L. (2019). Perceived quality of the mother–adolescent and father–adolescent attachment relationship and adolescents’ self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence*, 48(6), 1203-1217. <https://doi.org/10.1007/s10964-019-01007-0>
- Kerns, K. A., & Brumariu, L. E. (2016). Attachment in middle childhood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (3rd ed., pp. 349-365). The Guilford Press.
- Kerns, K. A., Aspelmeier, J. E., Gentzler, A. L., & Grabill, C. M. (2001). Parent-child attachment and monitoring in middle childhood. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 69-81. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.1.69>
- Kim, J., & Cicchetti, D. (2004). A longitudinal study of child maltreatment, mother-child relationship quality and maladjustment: The role of self-esteem and social competence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(4), 341-354. <https://doi.org/10.1023/B:JACP.0000030289.17006.5a>
- Kobak, R. R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child Development*, 59(1), 135-146. <https://doi.org/10.2307/1130395>
- MacDonald, K. (1992). Warmth as a development construct: An evolutionary analysis. *Child Development*, 63(4), 753-773. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1992.tb01659.x>
- McCormick, C. B., & Kennedy, J. H. (1994). Parent-child attachment working models and self-esteem in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 23(1), 1-18. <https://doi.org/10.1007/BF01537139>
- Oppenheim, D., Emde, R. N., & Warren, S. (1997). Children’s narrative representations of mothers: Their development and associations with child and mother adaptation. *Child Development*, 68(1), 127-138. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1997.tb01930.x>

- Orth, U., & Robins, R. W. (2014). The development of self-esteem. *Current Directions in Psychological Science*, 23(5), 381-387.
<https://doi.org/10.1177/0963721414547414>
- Park, H., Kim, D., & Park, Y. (2025). The relationships among fanship, self-esteem, and depression of seventh-grade girls: Differences according to pubertal timing. *Psychology of Popular Media*. Advance online publication.
<https://dx.doi.org/10.1037/ppm0000580>
- Paterson, J., Pryor, J., & Field, J. (1995). Adolescent attachment to parents and friends in relation to aspects of self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence*, 24(3), 365-376. <https://doi.org/10.1007/BF01537602>
- Pinquart, M. (2023). Associations of self-esteem with attachment to parents: A meta-analysis. *Psychological Reports*, 126(5), 2101-2118.
<https://doi.org/10.1177/00332941221079732>
- Pinto, A., Veríssimo, M., Gatinho, A., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2015). Direct and indirect relations between parent–child attachments, peer acceptance, and self-esteem for preschool children. *Attachment & Human Development*, 17(6), 586-598. <https://doi.org/10.1080/14616734.2015.1093009>
- Quatman, T., & Watson, C. M. (2001). Gender differences in adolescent self-esteem: An exploration of domains. *The Journal of Genetic Psychology*, 162(1), 93-117.
<https://doi.org/10.1080/00221320109597883>
- Rosenthal, N. L., & Kobak, R. (2010). Assessing adolescents' attachment hierarchies: Differences across developmental periods and associations with individual adaptation. *Journal of Research on Adolescence*, 20(3), 678-706.
<https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00655.x>
- Seibert, A. C., & Kerns, K. A. (2009). Attachment figures in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 33(4), 347-355.
<https://doi.org/10.1177/0165025409103872>
- Seon, Y. (2021). Self-esteem as a mediator of parental attachment security and social anxiety. *Psychology in the Schools*, 58(8), 1545-1556.
<https://doi.org/10.1002/pits.22511>

- Song, H., Thompson, R. A., & Ferrer, E. (2009). Attachment and self-evaluation in Chinese adolescents: Age and gender differences. *Journal of Adolescence*, 32(5), 1267-1286. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2009.01.001>
- Tafarodi, R. W., & Milne, A. B. (2002). Decomposing global self-esteem. *Journal of Personality*, 70(4), 443-484. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.05017>
- Tafarodi, R. B., & Swann Jr, W. B. (2001). Two-dimensional self-esteem: Theory and measurement. *Personality and Individual Differences*, 31(5), 653-673. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00169-0](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00169-0)
- Thompson, R. A. (2006). The development of the person: Social understanding, relationships, conscience, self. In N. Eisenberg, W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 24-98). John Wiley & Sons, Inc..
- Verschueren, K. (2020). Attachment, self-esteem, and socio-emotional adjustment: There is more than just the mother. *Attachment & Human Development*, 22(1), 105-109. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1589066>
- Wagner, J., Lüdtke, O., Jonkmann, K., & Trautwein, U. (2013). Cherish yourself: Longitudinal patterns and conditions of self-esteem change in the transition to young adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(1), 148–163. <https://doi.org/10.1037/a0029680>
- Waters, E., & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71(1) 164-172. [10.1111/1467-8624.00130](https://doi.org/10.1111/1467-8624.00130)
- Watson, D., Sulz, J., & Haig, J. (2002). Global self-esteem in relation to structural models of personality and affectivity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(1), 185–197. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.1.185>
- Wilkinson, R. B., & Parry, M. M. (2004). Attachment Styles, quality of attachment relationships, and components of self-esteem in adolescence. In *The 39th Australian Psychological Society Annual Conference, Melbourne, Australia, September 2004*. pp. 301-305. The Australian Psychological Society.

Williams, J. M., & Currie, C. (2000). Self-esteem and physical development in early adolescence: Pubertal timing and body image. *The Journal of Early Adolescence*, 20(2), 129-149. <https://doi.org/10.1177/0272431600020002002>

ANEXOS

ANEXO A

Consentimento informado para os pais



Prof.ª M.ª

Orientadora dos Projetos de Investigação

ISPA – Instituto Universitário

Rua Jardim do Tabaco, 34

1149-041, Lisboa

Lisboa, _____ de 2025

Caro Encarregado de Educação,

Eu, B. _____) e A. _____), somos alunas finalistas do Mestrado em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento (ISPA - Instituto Universitário). Para a conclusão do nosso Mestrado precisamos de desenvolver um trabalho de investigação (Dissertação de Mestrado) – sob a orientação da Professora Doutora M.ª _____ (ISPA - Instituto Universitário) – que implica recolher dados de alunos do 5.º ao 7.º ano, que tenham idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos.

Assim, gostaríamos de solicitar a sua autorização para a recolha de dados junto do seu educando. A vossa colaboração é para nós muito importante.

O nosso projeto visa compreender qual a relação entre a segurança da vinculação aos cuidadores primários e a autoestima e a solidão em jovens pré-adolescentes que praticam e não praticam desporto. Perceber o impacto destas variáveis no desenvolvimento dos jovens é importante para prevenir desarmonias desse mesmo desenvolvimento. Dada a sua natureza, este trabalho implica recolher informação acerca daquilo que os jovens sentem. A recolha de informação será feita através do preenchimento de três questionários. Evidentemente, será garantida a confidencialidade e o anonimato de todos os dados. Os dados recolhidos só poderão ser utilizados para fins científicos e só serão recolhidos dados de alunos cujos encarregados de educação autorizem a sua participação.

Mesmo assim, a participação dos jovens nesta investigação é totalmente voluntária. Os jovens podem optar por não participar e, mesmo que decidam participar nesta investigação, poderão desistir em qualquer momento. A duração do preenchimento dos questionários será de cerca de 90 minutos.

O/a seu/a educando/a será informado/a dos objetivos de cada estudo e ser-lhe-á pedido para que dê o seu assentimento. A data e horário letivo para a realização da recolha de dados serão definidos com os diretores de turma.

Confidencialidade: Sublinhamos que a confidencialidade dos dados é garantida, os participantes não serão identificados em qualquer relatório ou publicação, e os dados serão apenas utilizados pela equipa de investigação e para fim científico.

Direito à desistência e dúvidas: A participação do seu educando nestas investigações é voluntária e poderá desistir a qualquer momento do estudo. Ambas as alunas estarão ao dispor para esclarecimento de qualquer dúvida que surja, através dos seguintes contactos:

_____, [E.M.](#) e [P.L.](#)

Agradecemos antecipadamente a sua colaboração que é, para nós, imprescindível.

Eu, abaixo-assinado, Encarregado de Educação do/a aluno/a _____ do _____º ano, turma _____, declaro que:

- ☐ Autorizo a participação do/a meu/a educando/a nos Projetos de Investigação.
- ☐ Não autorizo a participação do/a meu/a educando/a nos Projetos de Investigação.

(Assinatura)

ANEXO B

Email de contacto com as escolas, centros de estudo e clubes desportivos

Exmo/a. Sr/a.,

Eu, B[redacted] e A[redacted], somos alunas finalistas do Mestrado em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento (ISPA - Instituto Universitário). Para a conclusão do nosso Mestrado precisamos de desenvolver um trabalho de investigação (Dissertação de Mestrado) – sob a orientação da Professora Doutora M^a [redacted] (ISPA - Instituto Universitário) – que implica recolher dados de alunos do 5º ao 7º ano, que tenham idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos.

Assim, gostaríamos de solicitar à Direção da Escola autorização para a recolha de dados na instituição que dirige. A vossa colaboração é para nós muito importante.

O nosso projeto visa compreender qual a relação entre a segurança da vinculação aos cuidadores primários, a autoestima e a solidão em jovens pré-adolescentes que praticam e não praticam desporto. Perceber o impacto destas variáveis no desenvolvimento dos jovens é importante para prevenir desarmonias desse mesmo desenvolvimento. Dada a sua natureza, este trabalho implica, recolher informação acerca daquilo que os jovens sentem. A recolha de informação será feita através do preenchimento de três questionários. Evidentemente, será garantida a confidencialidade e o anonimato de todos os dados. Os dados recolhidos só poderão ser utilizados para fins científicos e só serão recolhidos dados de alunos cujos encarregados de educação autorizem a sua participação. Mesmo assim, a participação dos jovens nesta investigação é totalmente voluntária. Os jovens podem optar por não participar e, mesmo que decidam participar nesta investigação, poderão desistir em qualquer momento. A duração do preenchimento dos questionários será de cerca de 90 minutos.

Apesar desta pequena explicação acerca do nosso projeto de investigação, estamos ao dispor para prestar mais esclarecimentos.

Certas de que o seu contributo nos ajudará a desenvolver este estudo e consequentemente a terminarmos as nossas Dissertações de Mestrado, agradecemos antecipadamente a vossa disponibilidade. Contamos também com a vossa ajuda permitindo-nos a recolha de dados.

Com os nossos melhores cumprimentos.